

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzati  
Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto*

*direcção: Luísa Costa Gomes | edição: Tinta Permanente*



# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS N.º 3

*1.º Semestre de 2001*

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

## *Edição*

Tinta Permanente  
tintapermanente@mail.pt

## *Direcção*

Luísa Costa Gomes  
lcg@ip.pt

## *Orientação Gráfica*

Jorge Silva

## *Impressão*

Gráfica das Nove

## *Distribuição*

Sodilivros

## *Tiragem*

3.000 exemplares

## *Depósito legal*

164192/01

## *Administração*

Empresa de Palavras  
Edição de Livros  
e Revistas, Ld<sup>a</sup>

## *Sede*

Av. Igreja, 9 - 3º Esq.  
1700-230 Lisboa  
Tel. 218 126 149  
Fax 218 492 521

## *Delegação*

Av. Inf. D. Henrique  
47 - 3º Esq.  
9500-150 P. Delgada  
Tel. 296 628 135  
Fax 296 284 790

# Índice

<i>Guy de Maupassant</i> “Um passeio ao campo”.....	5
<i>Herman Melville</i> “O alpendre”.....	25
<i>S.Y. Agnon</i> “Amizade”.....	53
<i>Dino Buzzati</i> “Sete andares”.....	63
<i>Mário de Carvalho</i> “O celacanto”.....	89
<i>José Eduardo Agualusa</i> “O homem da luz”.....	103
<i>Mendes A.</i> “As cartas”.....	113
<i>José Luís Peixoto</i> “O cadáver de James Joyce”.....	119

**Guy de Maupassant** (1850-1893) foi um dos maiores e mais fecundos contistas de sempre, produzindo na sua relativamente curta, mas intensa vida literária, mais de trezentas histórias, romances, livros de viagens e um volume de poemas. "Ler Maupassant" escreve Jacques Chessex no prefácio aos Contes de la Bécasse, "mesmo em narrativas aparentemente jocosas, risonhas e facetas, é provar o caldo negro do cinismo, da crueldade, da desilusão e do pessimismo. Não há remissão possível, logo não há esperança, nem salvação". Zola, por seu lado, dizia que quem conhecesse Maupassant apenas pelas suas obras, gostaria dele pelo "eterno canto de amor que cantou à vida". Une Partie de Campagne parece um bom exemplo do texto que pode suscitar ambas as interpretações.

Publicado entre 2 e 9 de Abril de 1881 no La Vie Moderne e pouco depois na colectânea La Maison Tellier, "Um Passeio ao Campo" é aqui apresentado em tradução de Aurora Rosa, publicada em 1999 numa edição de circulação restrita do ISLA de Santarém. A adaptação cinematográfica que Jean Renoir fez deste conto em 1936 contribuiu para que se tivesse tornado também num clássico do cinema.

Guy de Maupassant **Um passeio ao campo**

*Tradução de Aurora Rosa*



Há cinco meses que planeavam ir almoçar aos arredores de Paris no dia do aniversário da esposa do Sr. Dufour, senhora que respondia pelo nome de Pétronille. Tinham ansiado tanto pelo passeio que se levantaram bastante cedo nessa manhã.

O próprio marido conduzia a viatura, emprestada pelo leiteiro. Era uma carroça de duas rodas, muito limpa e com o tecto apoiado em quatro barras de ferro onde se fixavam as cortinas, agora levantadas para deixar ver a paisagem. A de trás era a única que flutuava ao vento como uma bandeira. Ao lado do marido, a senhora resplandecia no seu vestido de seda de um cereja extraordinário. Na parte posterior sentavam-se em duas cadeiras uma velha avó e uma rapariga. Ainda se via a cabeleira loira de um rapaz que, por falta de lugar, se estendera no fundo da carroça.

Depois de terem passado a avenida

dos Campos Elíseos e as fortificações da Ponte Maillot, começaram a apreciar a paisagem.

Ao chegarem à ponte de Neuilly, o senhor Dufour exclamara:

— Eis-nos finalmente no campo! — A este sinal, a mulher comoveu-se com a natureza.

Na rotunda de Courbevoie a vastidão dos horizontes extasiou-os. À direita, ao longe, erguia-se o campanário de Argenteuil.

Por cima apareciam os montes de Sannois e o moinho de Orgemont.

À esquerda, o aqueduto de Marly desenhava-se contra o céu claro da manhã. Avistavam também Saint-Germain, enquanto em frente, ao fim de uma cadeia de colinas, terras remexidas assinalavam o novo forte de Cormeilles. Mesmo ao fundo, a uma distância impressionante, acima das planícies e das aldeias, distinguia-se o verde escuro das florestas.

O sol começava a queimar os rostos, os olhos enchiam-se continuamente de poeira, e dos dois lados da estrada estendia-se um campo interminavelmente nu, sujo e mal cheiroso. Dir-se-ia que a lepra o devastara e corroera as próprias casas; esqueletos de edifícios arruinados e abandonados e pequenas cabanas inacabadas, por falta de pagamento, erguiam ali as suas quatro paredes sem tecto.

De longe em longe, cresciam no solo estéril grandes chaminés fabris, a única vegetação daqueles campos pútridos, onde a brisa da Primavera espalhava um cheiro a petróleo e a xisto, misturado com outro odor ainda menos agradável.

Por fim, atravessaram o Sena pela segunda vez e, em cima da ponte, tudo era um deslumbramento. O rio resplandecia; aspirada pelo sol, levantava-se uma neblina que dava a sensação de uma suave quietude, de uma frescura mais saudável para respirar, em suma, de um ar mais puro que não varrera o fumo negro das fábricas nem os odores pestilentos dos miasmas.

Um homem que passava dissera que ali era Bezons.

A viatura parou e o senhor Dufour pôs-se a ler a atractiva tabuleta de uma taberna: «Restaurante Poulin, ensopado de peixe e fritadas, reservados, parque de merendas e baloiços».

— E então, minha cara senhora, é coisa que lhe agrade? Vá lá, decide-te!

A mulher leu, por sua vez: «Restaurante Poulin, ensopado de peixe e fritadas, reservados, parque de merendas e baloiços». Depois examinou longamente o edifício.

Era uma estalagem de campo branca, situada à borda da estrada. Através da porta aberta, via-se o zinco brilhante do balcão, diante do qual se encontravam dois operários em fato domingueiro.

A Senhora lá se decidiu:

— Sim, aqui está bem! — disse — E depois temos vista!

A carroça entrou num grande terreno arborizado que se estendia nas traseiras da estalagem, apenas separado do Sena pelo caminho à beira do rio.

Apearam-se. Em primeiro lugar **9**

saltou o marido que, em seguida, abriu os braços para acolher a mulher. O degrau, apoiado em duas barras de ferro, ficava muito em baixo, de maneira que, para lá chegar, a senhora teve de mostrar a parte debaixo de uma perna cuja magreza inicial desaparecera sob a invasão da gordura pendente da coxa.

Dufour, já excitado por estar no campo, beliscou-lhe com força a barriga da perna. Em seguida, agarrando-a por baixo dos braços, depositou-a pesadamente no chão, como se ela fosse um enorme fardo.

A senhora sacudiu a poeira do vestido de seda. Pôs-se a observar o local onde se encontrava.

Era uma mulher com cerca de trinta e seis anos, bem constituída, exuberante e alegre. Respirava com dificuldade, violentamente asfiziada pelo espartilho demasiado apertado; e a pressão daquela estrutura projectava até ao duplo queixo a massa flutuante de um peito sobreabundante.

Depois foi a vez da rapariga que, pondo a mão no ombro do pai, saltou sozinha com agilidade. O rapaz de cabelo loiro já tinha descido, apoiando um pé na roda, e ajudou Dufour a descarregar a avó.

Desatrelaram o cavalo que prenderam a uma árvore, e o carro tombou para a frente, com os dois varais no chão. Os homens despiram as sobrecasacas, lavaram as mãos num balde de água e foram juntar-se às senhoras, já instaladas nos baloiços.

**10** De pé, a rapariga tentava balançar-se so-

zinha, não conseguindo dar impulso suficiente. Era uma bela moça de dezoito ou vinte anos, uma dessas mulheres que provocam um súbito desejo ao homem que encontram na rua, deixando-o num desassossego vago e de sentidos revoltos todo o dia. Era alta, magra, mas de ancas largas. Tinha a pele muito morena, os olhos muito grandes e os cabelos muito pretos. O vestido desenhava-lhe nitidamente as formas plenas e firmes do corpo, que se acentuavam ainda mais com o movimento de rins que fazia para se elevar.

Com os braços tensos, segurava as cordas acima da cabeça, de forma que o peito sobressaía, sem estremecer, a cada impulso. O chapéu tinha caído atrás dela, levado por uma rabanada de vento, e o baloiço ia subindo pouco a pouco, revelando-lhe, a cada balanço, as finas pernas até ao joelho, lançando à cara dos dois homens, que a observavam a rir, o ar perfumado das saias, mais inebriante que os vapores do vinho.

Sentada no outro baloiço, a mãe gemia, monótona e continuamente:

— Cyprien, anda empurrar-me; anda lá empurrar-me, Cyprien!

Por fim, ele lá foi e, com as mangas da camisa arregaçadas como antes de se deitar ao trabalho, pôs a mulher em movimento com um esforço infinito.

Desesperadamente agarrada às cordas, a senhora esticava as pernas para elas não embatem no solo e gozava o atordoamento provocado pelo vaivém do baloiço. Com as sacudidelas, as formas tremiam-lhe sem pa- **11**

rar como gelatina num prato. Mas, como os balanços eram cada vez maiores, encheu-se de vertigens e de medo. A cada descida dava um grito tão agudo que fazia acorrer ao local todos os garotos da região e, ao fundo, à sua frente, acima da sebe do jardim, avistava vagamente uma guarnição de cabecitas marotas, cujos rostos se contorciam de riso.

Quando a criada veio, encomendaram-lhe o almoço.

— Uma fritada do Sena, um coelho salteado, salada e sobremesa — pronunciou a senhora com ar importante.

— Traga dois litros de vinho da casa e uma garrafa de bordéus — disse o marido.

— Vamos comer na relva — acrescentou a rapariga.

A avó, enternecida com o gato da casa, perseguia-o há dez minutos, prodigalizando-lhe inutilmente os mais meigos epítetos. Sem dúvida intimamente lisonjeado com toda aquela atenção, o bichano mantinha-se quase ao alcance da boa mulher, mas sem se deixar agarrar; passeava-se tranquilamente à volta das árvores, nas quais se esfregava, de cauda levantada, com um ligeiro ronronar de prazer.

— Vejam! — gritou de repente o rapaz de cabelo loiro, que explorava o terreno — estão aqui uns barcos óptimos!

Foram ver. Debaixo de um pequeno telheiro de madeira, estavam penduradas duas soberbas yoles, finas e trabalhadas como móveis de luxo. Repousavam lado a lado, seme-

**12** lhantes a duas grandes raparigas magras,

de formas alongadas e luzidias. Dava vontade de lançá-las à água em belas e amenas noites ou nas manhãs claras de Verão, de passar junto às margens floridas, onde as árvores mergulham todos os ramos na água, onde os juncos se agitam num eterno tremor e onde o rápido esvoaçar dos guarda-rios faz lembrar um raio azul.

Toda a família as contemplava com respeito.

— Ah! Isto sim, isto é que é bom! — repetia Dufour muito sério. Falava delas por menorizadamente, como verdadeiro conhecedor da matéria. Também ele tinha praticado remo na juventude; dizia mesmo que, com umas coisas daquelas nas mãos — e fazia o gesto de puxar os remos —, «passava um bigode» a qualquer um. Nesse tempo ultrapassara vários ingleses nas corridas em Joinville; e gracejava com as palavras «machos-fêmeas», com que se designam as peças que ligam o leme ao cadaste, dizendo que, por isso, os canoieiros, nunca saíam sem as suas «fêmeas». Falava com um ar inflamado e pretensioso e propunha teimosamente que apostassem que, com um barco daqueles, conseguia fazer sem esforço seis léguas numa hora.

— O almoço está pronto — disse a criada, que apareceu à entrada da porta. Precipitaram-se para lá, mas no lugar que a Sr<sup>a</sup> Dufour tinha pensado ser melhor para se instalarem, já dois rapazes estavam a almoçar. Eram sem dúvida os proprietários das yoles, pois tinham roupas de canoieiro.

Estavam estendidos nas cadeiras, **13**

quase deitados. Tinham o rosto tisonado pelo sol e o peito coberto com uma simples camisola de algodão branca, que lhes deixava à mostra os braços nus, tão robustos como os dos ferreiros. Eram dois rapazes sólidos e alegres, que causavam uma impressão de vigor, mas mostrando, nos movimentos, a graciosidade elástica dos membros que se adquire através do exercício e é muito diferente da deformação que o esforço penoso e rotineiro imprime ao operário.

Ao verem a mãe, trocaram um sorriso rápido, e um olhar, ao aperceberem-se da presença da filha.

— Vamos dar-lhes o nosso lugar, para travarmos conhecimento com eles — disse um. O outro levantou-se de imediato e, de boné vermelho e preto na mão, ofereceu cavalheirescamente às senhoras o único local do jardim onde não batia o sol. Elas aceitaram, desfazendo-se em desculpas, e a família sentou-se na relva, sem mesa nem assentos, para tudo ter um ar mais campestre.

Os dois rapazes levaram os pratos, afastaram-se alguns passos e recomeçaram a comer. Os seus braços nus, sempre à mostra, embaraçavam um pouco a rapariga. Virava a cabeça e fingia não reparar neles, ao passo que a mãe, mais ousada, movida por uma curiosidade feminina que talvez fosse desejo, olhava para eles a todo o momento, comparando-os, sem dúvida com algum desgosto, às secretas imperfeições do marido.

Abatera-se sobre a relva, de pernas cruzadas, à maneira dos alfaiates, e estre-

mecia constantemente sob o pretexto de que as formigas lhe tinham entrado em qualquer parte. O senhor Dufour, aborrecido com a presença e amabilidade dos estranhos, procurava uma posição mais confortável que, aliás, não encontrava; o rapaz de cabelo loiro comia em silêncio como um ogre.

— Que belo dia, não acha? — disse a gorda senhora a um dos canoieiros. Queria ser amável por causa do lugar que eles lhe tinham cedido.

— É verdade, minha senhora — respondeu ele. — Vem muitas vezes ao campo?

— Oh! Só uma vez ou duas por ano, para apanhar ar; e o senhor?

— Venho cá dormir todas as noites.

— Ah! Deve ser muito agradável!

— Realmente é, minha senhora.

E descreveu poeticamente a sua vida de cada dia, de modo a fazer vibrar, no coração daqueles burgueses privados de relva e sôfregos de passeios ao campo, o tonto amor pela natureza que os obceca todo o ano atrás do balcão da loja.

A rapariga, emocionada, levantou os olhos e observou o canoeiro. Dufour falou pela primeira vez.

— Isto é que é vida! — disse — Mais um bocadinho de coelho, minha cara?

— Não, obrigada, meu amigo.

A senhora voltou-se novamente para os jovens e, apontando-lhes para os braços, perguntou:

— Nunca têm frio, assim vestidos? **15**

Desataram os dois a rir e apavoraram toda a família com a narração dos seus esforços prodigiosos, dos seus banhos de suor, das suas corridas nas noites de nevoeiro. Bateram violentamente no peito, para mostrar o som que de lá saía.

— Ah!, parecem muito robustos — disse o marido, que já não falava do tempo em que ganhava aos ingleses.

Agora, a rapariga examinava-os de lado. O rapaz de cabelo loiro engasgou-se a beber e tossiu convulsivamente, salpicando o vestido de seda cor de cereja da patroa, que se zangou e mandou vir água para lavar as nódoas.

Entretanto, a temperatura tornava-se insuportável. O rio, brilhante, parecia uma fogueira, e os fumos do vinho punham as cabeças à roda.

Dufour, violentamente sacudido por uma crise de soluços, tinha desabotoado o colete e o cós das calças, enquanto a mulher, sufocada, desacolchetava pouco a pouco o vestido. O aprendiz abanava alegremente a guedelha de linho e despejava copo atrás de copo. Sentindo-se meia embriagada, a avó mantinha-se muito aprumada e muito digna. Quanto à rapariga, nada deixava transparecer; tinha apenas um brilho vago nos olhos e a sua pele morena adquirira uma tonalidade mais rosada nas faces.

O café acabou com eles. Resolveram cantar e cada um entoou uma quadra, que os outros aplaudiram freneticamente. Depois levantaram-se com dificuldade e, enquanto as duas

**16** mulheres, atordoadas, recuperavam o fô-

lego, os dois homens fazem ginástica, completamente bêbados. Pesados, moles e de cara vermelha, penduravam-se desajeitadamente nas argolas, sem conseguirem elevar-se. As camisas ameaçavam incessantemente libertar-se das calças para esvoaçarem ao vento como estandartes.

Os canoieiros tinham entretanto colocado as canoas na água e voltaram para propor educadamente às senhoras um passeio pelo rio.

— Pode ser, Dufour? Por favor, deixa lá! — pediu a mulher. Ele olhou para ela com ar embriagado, sem entender. Então, um canoieiro aproximou-se com duas canas-de-pesca na mão. A esperança de apanhar cadozes, o ideal dos comerciantes, fez brilhar os olhos baços do homenzinho, que permitiu tudo que quiseram e acabou por se instalar debaixo da ponte, à sombra, baloiçando os pés por cima do rio, ao lado do rapaz de cabelo loiro, que adormeceu ao lado dele.

Um dos canoieiros fez o sacrifício de levar a mãe.

— Vamos para o bosque da ilha dos Ingleses! — gritou ao afastar-se.

A outra canoa foi-se embora lentamente. O remador olhava tanto para a companheira que não pensava em mais nada, tomado por uma emoção que lhe paralisava o vigor.

Sentada do lado do leme, a rapariga deixava-se embalar pelo bom que era estar sobre a água. Sentia-se invadida por uma tal renúncia de pensamentos, por uma tal languidez, por um tal abandono de si que parecia

vencida por uma bebedeira múltipla. Estava muito vermelha e ofegada. O efeito inebriante do vinho, ampliado pelo calor torrencial que jorrava à volta dela, dava-lhe a sensação de que todas as árvores da margem se inclinavam à sua passagem. Uma necessidade vaga de prazer, uma efervescência do sangue percorriam-lhe a carne, excitada pelos ardores do dia. Sentia-se também perturbada com aquele encontro a sós sobre a água, no meio de uma zona despovoada pelo incêndio do céu, com um rapaz que a achava bela, cujo olhar lhe beijava a pele e cujo desejo era penetrante como o sol.

A incapacidade de falar aumentava-lhes a emoção, enquanto observavam a paisagem. Fazendo um esforço, ele perguntou-lhe o nome.

— Henriette — disse ela.

— Que engraçado! O meu é Henri! — replicou ele.

O som das suas vozes acalmara-os; interessaram-se pela margem. A outra canoa tinha parado e parecia estar à espera deles. O remador gritou:

— Encontramo-nos no bosque, vamos até Robinson porque a senhora tem sede.

Depois, confundiu-se com a paisagem, afastando-se tão rapidamente que logo deixou de se ver.

Já há algum tempo que se ouvia um ribombar contínuo cada vez mais perto. O próprio rio parecia tremer, como se aquele ruído surdo viesse das suas profundezas.

— Que barulho é este? — perguntou ela.

**18** Era a queda de água da barragem que

dividia o rio ao meio, depois da ilha. Ele perdia-se em explicações, quando, através do estrépito da cascata, parecendo vir de muito longe, um canto de ave lhe chamou a atenção.

— Olha! — disse ele. — Rouxinóis a cantar de dia! É porque as fêmeas estão no choco.

Um rouxinol! Ela nunca ouvira nenhum, e a ideia de o escutar fez-lhe brotar na alma a visão de poéticas ternuras. Um rouxinol! A testemunha invisível dos encontros amorosos que Julieta invocava na sua varanda; a música celestial concedida aos beijos dos homens; o eterno inspirador de todos os romances voluptuosos que dão um ideal cor-de-rosa aos pobres coraçõezinhos de rapariguinhas sensíveis!

E agora ia mesmo ouvir um rouxinol!

— Não façamos barulho — disse o companheiro. — Podemos entrar no bosque e sentarmo-nos mesmo ao pé dele.

A canoa parecia deslizar. Avistavam-se árvores na ilha, e a margem era tão baixa que os olhos mergulhavam na espessura da folhagem. Pararam, prenderam o barco e avançaram por entre os ramos, apoiando-se Henriette no braço de Henri.

— Baixe-se! — disse ele. Ela baixou-se, e penetraram num emaranhado confuso de lianas, folhas e juncos, constituindo um refúgio inacessível que era preciso conhecer e que o jovem apelidava, rindo, de seu «gabinete particular».

Poisada numa das árvores que os abrigava, a ave continuava a cantar mes-

mo por cima das suas cabeças. Lançava trindades e chilreios, em seguida desfiava sons altos e vibrantes que enchiam o ar e pareciam perder-se no horizonte, desenrolando-se ao longo do rio e voando por cima dos campos, através do silêncio de fogo que sobrearregava a paisagem.

Nem falavam com receio que o pássaro fugisse. Estavam sentados perto um do outro; lentamente, o braço de Henri deslizou pela cintura de Henriette, cingindo-a com uma leve pressão. Sem se zangar, a rapariga pegou na audaciosa mão, fazendo força para a afastar à medida que ele se ia aproximando de novo, sem sentir, de resto, qualquer tipo de embaraço com a carícia, como se fosse uma coisa muito normal que repelia também com naturalidade.

Henriette escutava a ave, perdida num êxtase. Tinha desejos infinitos de felicidade, era percorrida por sentimentos bruscos de ternura, tinha revelações de poesias sublimes e ficou tão amolecida, física e espiritualmente, que chorava sem saber porquê. O jovem apertava-a agora contra si. Ela já não o repelia, já não pensava nisso.

Subitamente, o rouxinol calou-se. Uma voz longínqua chamou:

— Henriette!

— Não responda — disse ele, baixinho.  
— Vai fazer o pássaro fugir.

— Mas a rapariga nem sequer sonhava em responder.

Ficaram assim algum tempo. A mãe estava sentada algures, porque ouviam vagamente, de vez em quando, os gritinhos

da gorda senhora que sem dúvida provocava o outro canoeiro.

A rapariga continuava a chorar, invadida por sensações muito agradáveis, sentindo a pele quente e picada em todo o lado por formigueiros desconhecidos. A cabeça de Henri repousava no seu ombro; repentinamente ele beijou-lhe a boca. Ela revoltou-se, furiosa e, para o evitar, deitou-se para trás. Ele abateu-se sobre ela, cobrindo-a com todo o seu corpo. Perseguiu durante bastante tempo aquela boca que lhe fugia, depois, ao alcançá-la, prendeu-lhe a sua. Então, enlouquecida por um desejo avassalador, Henriette devolveu-lhe o beijo, estreitando-o sobre o peito e toda a sua resistência caiu, como que esmagada sob um peso demasiado grande.

Tudo estava calmo em torno deles. A ave voltou a cantar. No início lançou três notas tão intensas que se assemelhavam a um apelo de amor, em seguida, depois de um momento de silêncio, começou, baixinho, a fazer modulações muito lentas.

Uma brisa morna soprou, levantando um sussurro de folhas; através dos ramos passavam dois suspiros ardentes que se misturavam com o canto do rouxinol e com o vento leve do bosque.

A ave parecia inebriada. O seu canto acelerando, pouco a pouco, como um fogo que se acende, ou uma paixão que cresce, parecia acompanhar uma crepitação de beijos debaixo da árvore. Depois, dava largas ao delírio da sua garganta. Executava trilos em delíquios prolongados, como grandes espasmos melódicos.

Por vezes repousava um pouco, soltando muito ao de leve dois ou três sons, que rematava subitamente com uma nota sobreaguda. Ou então, partia numa louca correria, lançando-se em jactos de escalas, frémitos, mudanças bruscas e inesperadas, como um canto de amor furioso que culminasse num grito de vitória.

Mas calou-se ao ouvir debaixo de si um gemido tão profundo que poderia tomar-se pela despedida de uma alma. O som prolongou-se por algum tempo, terminando num soluço.

Estavam os dois muito pálidos ao abandonarem o leito de verdura. O céu azul parecia-lhes obscurecido. O sol ardente extinguiu-se para os seus olhos. Apercebiam-se da solidão e do silêncio. Caminhavam rapidamente, lado a lado, sem se falarem, sem se tocarem, pois parecia terem-se tornado inimigos irreconciliáveis, como se um nojo se tivesse erguido entre os seus corpos, ou um ódio entre os seus espíritos.

De vez em quando, Henriette chamava:  
— Mamã!

Ouviu-se um tumulto numa moita. Henri julgou ver uma saia branca que alguém baixava rapidamente sobre uma grossa perna, e a enorme senhora apareceu, um pouco confusa e ainda mais vermelha, de olhos muito brilhantes e peito ofegante, talvez demasiado próxima do seu vizinho. Este devia ter visto coisas bem interessantes, pois apesar do esforço que fazia para se conter não conseguia esconder uma cara contraída por súbitos ataques de riso.

A senhora deu-lhe ternamente o braço e voltaram todos para os barcos. Henri, que  
**22** ia à frente, calado, ao lado da rapariga,

julgou ouvir como que um grande beijo abafado.

Chegaram por fim a Bezons.

Dufour, livre dos efeitos do álcool, estava impaciente. O rapaz de cabelo loiro comia qualquer coisa antes de deixar a estalagem. No pátio, a carroça já estava atrelada, e a avó, lá instalada, queixava-se, com medo que a noite chegasse quando fossem a atravessar a planície, pois os arredores de Paris não eram seguros.

Apertaram as mãos e a família Dufour foi-se embora.

— Adeus! — gritaram os canoieiros. Foram correspondidos com um suspiro e uma lágrima.

Dois meses depois, ao passar Rue Des Martyres, Henri leu numa porta: “Dufour, Quinquilheiro”.

Entrou.

A gorda senhora prosperava ao balcão. Reconheceram-se de imediato e, após mil e uma cortesias, ele quis saber notícias.

— E a menina Henriette, como está?

— Muito bem, obrigado, casou-se.

— Ah!... — Uma emoção forte apode-rou-se dele; acrescentou:

— E... com quem?

— Com o rapaz que nos acompanhava, é claro. Bem sabe, ele é que herda a loja.

— Ah! Pois claro.

Ia-se embora muito triste, sem saber bem porquê, quando a senhora o tornou a chamar.

— E o seu amigo? — perguntou timidamente.

— Está bom.

— Dá-lhe os nossos cumprimen- **23**

tos, não é verdade? E, quando passar por aqui, diga-lhe que nos venha ver... — Corou bastante e acrescentou:

— Diga-lhe que me dará um grande prazer; está bem?

— Não me vou esquecer. Adeus!

— Não... Até breve!

Um ano depois, num domingo muito quente, todos os pormenores desta aventura que jamais esquecerá se desenharam na memória de Henri subitamente tão claros e apetecíveis que voltou sozinho à alcova do bosque.

Ficou estupefacto quando lá entrou. Henriette estava sentada na relva com um ar triste, enquanto que a seu lado, ainda em mangas de camisa, o marido — o rapaz de cabelo loiro — dormia conscienciosamente como um animal.

Empalideceu de tal maneira ao ver Henri que este pensou que ela ia desmaiar. Depois começaram a conversar com toda a naturalidade, como se nada se tivesse passado entre eles.

Enquanto ela o olhava nos olhos, longamente, ele contava que gostava muito daquele local e vinha muitos domingos descansar para ali e recordar certas coisas.

— Eu lembro-me delas todas as noites — retorquiu Henriette.

— Vamos, minha cara — disse o marido, bocejando — está na hora da partida!

Herman Melville **O Alpendre**

*Tradução de José Gabriel Flores*

**Herman Melville** (1819-1891) *Nascido em Nova Iorque, começou a trabalhar aos quinze anos, pois o pai, comerciante respeitado, havia morrido três anos antes, falido e louco. Depois de regressar aos EUA em 1844 começou a escrever uma série de romances baseados nas suas experiências no mar: A sua obra de maior fôlego nessa veia, e que marcou o seu afastamento definitivo em relação ao público em geral e a boa parte dos críticos do seu tempo, foi Moby-Dick, publicada em 1851. A perda de popularidade e a alienação dos críticos só poderiam agravar-se com a publicação de Pierre, um bizarro falhanço não desprovido de fascínio, onde tanto o enredo como os argumentos do autor se atomizam, cancelam e autodestroem tortuosamente.*

*Em 1853, Melville começou a publicar contos em revistas, cinco dos quais (incluindo "Bartleby" e "Benito Cereno"), coligiu e publicou em 1856, num volume chamado The Piazza Tales, acrescentando-lhes, como preâmbulo, um inédito, cuja tradução portuguesa é aqui apresentada pela primeira vez.*

Com as mais fermosas flores, enquanto  
durar o estio e eu aqui viver, Fidélio...!

Quando me retirei para o campo fui ocupar uma casa rústica à antiga — que não tinha alpendre — deficiência lastimável, não só por eu gostar de alpendres, que combinam o aconchego do interior com a liberdade do exterior (e é tão agradável lá consultar o termómetro), mas também porque a paisagem em redor era de tal modo pitoresca que nenhum garoto subia as colinas ou atravessava os vales à cata de bagas sem topar com cavaletes plantados em cada recanto e pintores tisnados pelo sol a pintar. Um autêntico paraíso de pintores. O círculo das estrelas cortado pelo círculo das montanhas. Pelo menos, assim parece visto da casa; porque, das montanhas, esse círculo não se vê. Se a casa tivesse ficado vinte e cinco metros mais para o lado,

A casa é velha. Passaram setenta anos desde que, do coração das colinas Hearth Stone, talharam esta Caaba, ou Pedra Sagrada, visitada por peregrinos nos dias de Acção de Graças. Foi há tanto tempo que, ao escavarem as fundações, trabalhadores usaram pás e machados para combater os trogloditas dessas regiões subterrâneas — rijas raízes de rija madeira, de arraiais assentes no que agora é uma longa encosta de prado adormecido, descendo a partir do meu canteiro de papoilas. Do emaranhado bosque resta um sobrevivente — um olmo, solitário em virtude da sua firmeza.

Quem construiu a casa, construiu-a melhor do que sabia; ou então foi Oríon que, lá do zénite, lhe apontou a flamejante espada de Dâmocles numa noite estrelada, dizendo: “Aí construirás”. Senão, como teria entrado na cabeça do construtor que, aberta a clareira, seria seu tão majestoso panorama? — nada menos do que o monte Greylock, rodeado de todas as suas colinas, qual Carlos Magno entre os seus pares.

Ora, que uma casa, assim situada em tal região, não tivesse um alpendre para comodidade de quem desejasse gozar a vista, com calma e à sua vontade, parecia omissão tão grave como uma galeria de arte que não tivesse assentos; pois o que são, se não galerias de arte, os marmóreos salões destas elevações calcárias? — galerias que exibem, mês após mês, pinturas que constantemente se mudam em pinturas sempre novas. E a beleza é como

**28** a devoção — não se chega lá à pressa;

requer tranquilidade e constância, bem como nos dias que correm, um cadeirão; se, dantes, quando a reverência estava na moda e a indolência não, os devotos da Natureza a adoravam de pé — como faziam, nas catedrais, os adoradores de um poder superior —, nestes tempos de fé vacilante e joelhos fracos, temos o alpendre e os bancos de igreja.

No primeiro ano de residência escolhi, na encosta mais próxima, de modo a presenciar mais comodamente a coroação de Carlos Magno (quando o tempo o permite, coroam-no ao nascer e pôr do Sol), um principesco divã de relva — um divã de veludo verde, com alto recosto acolchoado de musgo, e que tinha à frente, por estranho que pareça (mas suponho que em vista dalgum efeito heráldico), três tufos de violetas azuis num campo argênteo de morangueiros silvestres; a isto acrescentei uma latada de madressilva à laia de dossel. Mui majestático divã. Tanto assim que, como acontecera ao reclinado rei da Dinamarca<sup>2</sup> no seu pomar, ali me invadiu uma insidiosa dor de ouvidos. Ora, se não falta humidade na Abadia de Westminster, por ser tão antiga, porque faltaria neste mosteiro de montanhas, que mais antigo é?

Impõe-se um alpendre.

A casa era vasta, os meus recursos limitados; de modo que, construir um alpendre panorâmico a toda a volta, não podia ser — embora os carpinteiros, depois de ponderarem o assunto com régua e esquadro, se tivessem disposto com toda a amabilidade a realizar o meu desejo, a troco de já não sei quanto por palmo.

Apenas num dos quatro lados me concederia a prudência aquilo que desejava. Qual deles, então?

Para leste, há o longo acampamento das colinas *Hearth Stone*, que vai desaparecendo na distância, em direcção a *Quito*<sup>3</sup>; em cada Outono, uma coisa parecida com um flocozinho branco espreita de repente, numa manhã fresca, do mais alto penhasco — o primeiro cordeiro da estação, a sua primeira lã; e segue-se a aurora do Natal, que cobre as pardacentas terras altas de mantas escocesas riscadas a vermelho — eis uma bela vista para o nosso alpendre. Uma bela vista; mas para norte está *Carlos Magno*: não se pode ter as colinas *Hearth Stone* e *Carlos Magno*.

Bom, agora o lado sul. Aí há macieiras. É agradável, numa balsâmica manhã do mês de Maio, sentarmo-nos a olhar esse pomar, coberto de botões brancos como para um casamento e que, em Outubro, será um pátio de arsenal verde, com pilhas de rubra munição. Muito belo, reconheço; mas para norte está *Carlos Magno*.

Olhai a oeste. Uma pastagem ascendente que vai estreitando, rematada por um bosque de áceres lá no cimo. Que agradável, no início da Primavera, reconhecer na encosta que, fora isso, está cinzenta e erma, reconhecer, dizia eu, os carreiros mais antigos pelos seus veios de primeiro verde. Agradável, sim, não o posso negar; mas para norte está *Carlos Magno*.

Assim, *Carlos Magno* venceu. 1848<sup>4</sup> não tinha sido há muito; e, de algum modo,

**30** por essa altura, por todo o mundo os se-

nhores reis tinham o voto de desempate, e votavam neles próprios.

Mal se rompeu o terreno, a vizinhança toda, especialmente o meu vizinho Dives, rompeu também — à gargalhada. Um alpendre virado a norte! Um alpendre de Inverno! Quererá, nas noites inverniais, observar a aurora boreal, suponho; espero que tenha feito boa provisão de abafos e de luvas polares.

Corria o leonino mês de Março. Não me esqueceram os narizes azuis dos carpinteiros, nem a troça que faziam da inexperiência deste cidadão, que queria construir o seu único alpendre virado a norte. Mas Março não dura sempre; paciência, que Agosto vem. Então, no fresco Elísio do meu retiro a norte, eu, qual Lázaro no seio de Abraão<sup>5</sup>, lanço colina abaixo um olhar compassivo sobre o pobre e velho Dives, atormentado no purgatório do seu alpendre virado a sul.

Mas o alpendre virado a norte nem em Dezembro desagrada: embora ventoso e cortantemente frio e com o vento norte, qual moleiro, a espalhar a neve feita em farinha da mais fina — então ali ando para trás e para diante, na coberta onde chove e neva, com a barba cheia de geadas, como que dobrando o Cabo Horn. E no Verão, aqui sentado, como Canuto<sup>6</sup>, também muitas vezes me lembro do mar, pois do chão se erguem em altas vagas as espigas inclinadas, as ondinhas de relva lambem a base pouco elevada do alpendre, como se esta fosse a sua praia, a penugem dos dentes-de-leão esvoaça como espuma, a púrpura das

montanhas é igual à púrpura das ondas, e um calmo meio-dia de Agosto paira sobre os fundos prados como uma calmaria sobre o Equador; e também porque a vastidão e a solidão são tão oceânicas, tais são o silêncio e a uniformidade, que o primeiro vislumbre de uma casa estranha que se eleva além das árvores, equivalerá a avistar, na costa da Berbéria, uma vela desconhecida.

Isto lembra-me a minha viagem por terra até ao país das fadas. A viagem é verdadeira; mas, afinal, tão interessante como se fosse inventada.

Tinha avistado do alpendre um objecto indistinto, misteriosamente recolhido, ao que parecia, numa espécie de pequena bolsa violácea, bem lá no alto, numa depressão ou concavidade parecida com uma tremonha, no meio das montanhas a noroeste — embora não se conseguisse determinar se estava na encosta ou no topo de uma montanha. E isto porque, embora um cume azulado que visto de pontos favoráveis espreita por trás de outros, fale conosco, por assim dizer, por cima das cabeças deles dizendo-nos com clareza que, ainda que ele (o cume azulado) pareça estar no meio dos outros, não é um deles (Deus o livre!) e que gostaria mesmo que soubéssemos que se considera — no que está, para dizer a verdade no seu pleno direito — vários côvados superior a eles, certas cordilheiras, aqui e ali em fileiras duplas, como em pelotões, de tal modo se acotovelam e sucedem umas às outras, com formas e alturas irregulares, que, vista do alpen-

**32** dre, uma montanha mais próxima e mais

baixa irá, em grande parte dos estados atmosféricos, esbater-se numa mais alta e mais distante; e um objecto pouco distinto no topo da primeira parecerá aninhado no flanco da segunda. Estas montanhas como que jogam às escondidas, e tudo à frente dos nossos olhos.

Mas, seja como for, o ponto em questão estava situado de maneira a só ser visível, e mesmo assim apenas vagamente, sob certas condições mágicas de luz e sombra.

Na verdade, ao longo de um ano ou mais, não soube que tal ponto existia e podia talvez nunca o ter sabido, não fosse uma tarde feiticeira de Outono — Outono já adiantado —, uma tarde de poeta louco, em que, na vasta bacia a meus pés, os bosques de áceres mudados, tendo já perdido o primeiro tom escarlate, fumegavam desmaiadamente como cidades em rescaldo após as chamas expirarem sobre a presa; dizia-se que esta fumaça que saturava os ares não era obra do Verão de São Martinho — o qual não costumava ser coisa tão doentia, por muito brando que fosse — sendo, isso sim, em grande parte trazida pelo vento de florestas distantes, há semanas em chamas, no Vermont; não era de admirar, portanto, que o céu pesasse ominoso como o caldeirão de Hécate<sup>7</sup> — e que dois caçadores, atravessando um ruivo restolhal de trigo mourisco, parecessem o culposo Macbeth e o agourento Banquo<sup>8</sup>; e que o Sol-eremita, recolhido numa caverna de Adulam<sup>9</sup>, bem a sul, conforme à estação, pouco mais fizesse do que pintar aplicadamente um sinalzinho redondo avermelhado na face pálida das **33**

colinas a noroeste, com o reflexo indirecto de estreitos raios lançados por um desfiladeiro de Simplon<sup>10</sup> entre as nuvens. Claro como uma candeia. Um ponto irradiante, onde tudo o resto era sombra.

Ali há fadas, pensei eu; algum círculo encantado onde fadas dançam.

O tempo passou; e no Maio seguinte, após um aguaceiro suave ter caído nas montanhas — um pequeno aguaceiro insulado em meio de nevoentos mares soalheiros; um desses aguaceiros distantes — por vezes dois, três e quatro, todos visíveis ao mesmo tempo em pontos diferentes — que agora me apraz ver do alpendre em vez das trovoadas que em tempos preferi e que envolvem o velho Greylock como se fosse um Sinai, até pensarmos que o tisonado Moisés deve estar a subi-lo<sup>11</sup>, por entre cicutas chamuscadas; após, dizia eu, esse suave aguaceiro, vi um arco-íris, cujo extremo mais distante pousava no preciso local onde, no Outono, eu tinha avistado o sinal. Ali há fadas, pensei; lembrando-me de que os arcos-íris fazem desabrochar as flores, e de que, conseguindo chegar ao fim do arco-íris, a fortuna lá nos espera num saco de ouro. Quem me dera ali estar, naquela ponta do arco-íris, pensei. E ainda mais o desejei, pois agora reparava pela primeira vez no que parecia ser uma espécie de estreito vale, ou caverna; pelo menos, fosse o que fosse, visto através do arco-íris, resplandecia como a mina de Potosi<sup>12</sup>. Disse um vizinho prosaico que não

seria com certeza mais do que algum  
**34** celeiro velho, abandonado, de frontaria

desmoronada, e tendo como fundo a encosta. Mas, apesar de nunca lá ter estado, eu é que sabia.

Alguns dias depois, um alegre nascer do Sol acendeu um lampejo dourado no mesmo ponto. O lampejo tinha tal vivacidade que parecia apenas poder provir de vidro. O edifício, então — se era, de facto, um edifício — não podia ser um celeiro, e muito menos abandonado, guardando feno há dez anos bafiento. Não; se foi construído por mortais, deve ser uma casa de campo; talvez há muito vazia e abandonada, mas nesta Primavera mobilada e envidraçada como que por magia.

Uma vez mais, por altura do meio-dia e na mesma direcção, observei, por cima dos socalcos das esbatidas copas de folhagem, uma reverberação mais ampla, como que emitida por um pequeno broquel de prata, virado para o Sol por cima da cabeça de alguém que se agacha; reverberação essa que, como mostra a experiência em casos semelhantes, deve provir de um telhado novo. Isto deixou-me bastante seguro da recente ocupação dessa distante casa no país das fadas.

Dia após dia, cheio de interesse pela minha descoberta, passava o tempo que me deixava livre a leitura do *Sonho de Uma Noite de Verão*<sup>13</sup> e de tudo o que tratasse de Titânia, a fitar anelante as colinas; mas em vão. Ou eram tropas de sombras, como guarda imperial, que desfilavam ao longo das escarpas, em lenta marcha solene; ou, desbaratadas pela luz que as perseguia, fugiam, espalhando-se de

leste a oeste — velhas guerras entre Lúcifer e Miguel<sup>14</sup>; ou então eram as montanhas que, apesar de não afectadas por essas lutas imaginárias reflectidas no céu, tinham uma atmosfera desfavorável à observação das fadas. Tive pena; e ainda mais porque estive de cama algum tempo — e o meu quarto não dava para essas colinas.

Quando, finalmente, fiquei bem e capaz de me sentar lá fora, estava no alpendre, numa manhã de Setembro, a pensar para comigo e vi passar, atrás dum pequeno rebanho, o bando dos filhos do rendeiro, que iam às nozes, dizendo — que belo dia — quando este não passava, no fim de contas, daquilo a que os pais deles chamam “tempo enganador”; devo dizer que a doença me tinha deixado de tal modo sensível que não conseguia olhar para uma trepadeira chinesa da minha predilecção que, depois de ter subido um dos postes do alpendre, para delícia minha se estrelara de flores, mas que agora, se afastássemos um pouco as folhas, mostrava milhões de estranhos vermes daninhos que, alimentando-se das flores, de tal forma adoptavam a bendita cor destas que para sempre a tornavam maldita — os gérmens desses vermes estavam sem dúvida latentes no próprio bolbo que eu, tão esperançosamente, tinha plantado. Estava eu nesta ingrata rabugice da minha enfadonha convalescença quando, ao levantar os olhos, vi a dourada janela na montanha, deslumbrante como um golfinho subido das profundezas. Ali há fadas, pensei eu mais  
**36** uma vez; a rainha das fadas à sua janela

encantada; ou, pelo menos, alguma alegre jovem montanhesa; vê-la far-me-á bem, há-de curar este fastio. Basta disto. Lançarei à água o meu barco — vá, ânimo, coração meu! — e largarei para o país das fadas — para o fim do arco-íris, no país das fadas.

Como chegar ao país das fadas, ou que estrada seguir, não sabia; nem ninguém me pôde informar; nem sequer um tal Edmund Spenser, que lá tinha estado — ou pelo menos assim me escreveu<sup>15</sup>. Eu só sabia que para alcançar o país das fadas tem que se viajar até lá, e com fé. Calculei a posição da montanha das fadas e, no primeiro dia bonito, assim que as minhas forças o permitiram, subi para o meu barco — que era de couro, com arção alto — larguei amarras e lá parti em viagem, livre como uma folha de Outono. A aurora despontava; e eu, apontando a oeste, semeava a manhã à minha frente.

Ao fim de umas quantas milhas, cheguei perto das colinas; mas nesse momento não as conseguia ver. Não estava perdido; na berma do caminho, vergas-de-ouro orientavam-me, como sinais, na direcção da janela dourada. Seguindo-as, fui dar a uma região desabitada e lânguida, cujos caminhos cheios de ervas eram percorridos apenas por vacas e bois sonolentos que, mais postos em movimento que despertos pelo dia, pareciam sonâmbulos. Não pastavam — os enfeitiçados nunca comem. Pelo menos, assim diz Dom Quixote, o sábio mais sábio que alguma vez viveu.

Continuei, chegando por fim à base da montanha das fadas, mas não via **37**

ainda o círculo delas. À minha frente elevava-se uma pastagem. Derrubando cinco estacas apodrecidas — tão húmidas e verdes que pareciam resgatadas de algum naufrágio — um velho Áries<sup>16</sup> de peruca, rosto comprido e chifres retorcidos, avançou a resfolegar; e depois, recuando, conduziu-me com todo o decoro ao longo de uma via láctea de erva branca, passando por nebulosas Plêiades e Híades de pequenos não-me-esqueças; e ter-me-ia levado mais longe ainda na sua órbita astral, não fossem as revoadas douradas de pássaros amarelos — guias, seguramente, que me conduziriam à janela dourada, voando de arbusto em arbusto à minha frente, em direcção a bosques profundos, que igualmente me atraíam. E também me senti atraído pela vedação destes, que barrava uma estrada escura que, por muito escura que fosse, era a subir. Fui por aí; momento em que Áries, repudiando-me agora como alma perdida, se desviou, seguindo o seu caminho mais sensato. Terreno ameaçador e interdito — para ele.

Um trilho todo atapetado de verde invernal. Ao lado de correntes cheias de seixos — correntes cuja solidão as tornava ainda mais alegres; sob os ramos oscilantes dos abetos, que nenhuma estação acarinha, mas ainda bem verdes, por aí andámos, eu e o meu cavalo; passámos por uma velha serração, tão presa e amordaçada por trepadeiras, que a sua voz desagradável se não ouvia já; por uma ravina profunda que a torrente lavrara em níveo mármore, matizando-o de tons primaveris, e

**38** onde redemoinhos haviam esculpido

capelas vazias na rocha viva; por onde Jacks-in-the-pulpit<sup>17</sup>, como o seu homónimo Baptista, pregavam no deserto; por um enorme lenho de veios irregulares que, jazendo sobre fetos, mostrava onde, em tempos imemoriais, homem após homem se esforçara por rachá-lo, não conseguindo mais do que perder as cunhas — que ainda enferrujavam nas respectivas fendas; por onde, há muito, nos socalcos de uma cascata, tinham sido escavados buracos como crânios pelo incessante rodopiar de uma pedra de sílex — sempre desgastante, nunca desgastada; por furiosos rápidos que se precipitavam numa lagoa secreta, mas que, acalmados após voltearem algum tempo, de lá saíam serenamente; até que alcançámos terreno menos irregular, onde vimos um pequeno círculo, no qual fadas terão, de facto, dançado (ou então alguém aquecera ao rubro um aro de roda) — pois não tinha vegetação; prosseguimos, subindo, até desembocarmos num pomar suspenso, onde o crescente da lua me olhava virginalmente do alto da manhã.

O meu cavalo baixou a cabeça. Maças vermelhas rolaram à sua frente; maçãs de Eva; frutos apetecidos. Ele provou uma e eu outra; sabiam a terra. Isto ainda não é o país das fadas, pensei, enquanto atirava a rédea a uma velha árvore corcovada, que estendeu um braço retorcido para a apanhar. O caminho a seguir não tinha carreiros, só se podendo avançar sozinho, e à força de ousadia. Atravessei matagais de amoreiras silvestres que procuravam puxar-me para trás, apesar de eu não me dirigir senão a uns infrutíferos loureiros da montanha; **39**

subi escarpas escorregadias até cumes estéreis, onde não havia ninguém para me receber. Isto ainda não é o país das fadas, pensei, apesar de a manhã estar aqui à minha frente.

Cansado e com os pés assaz doridos, não terminei no entanto aí a minha viagem, chegando ao cabo de pouco tempo a uma garganta escarpada, que descia para regiões verdejantes mais além. Uma estrada em zig-zague, meio oculta por arbustos de mirtilo, contornava os penhascos. Nos seus flancos irregulares onde começava um pequeno trilho que, escalando o curto desfiladeiro, assomava alegremente lá no cume, onde a montanha, parcialmente abrigada a norte por uma irmã mais alta, descia em declive suave até certo ponto, precipitando-se depois tenebrosamente; por aí, entre rochedos fantásticos repousando em rebanho, serpenteava o carreiro meio batido até uma cabana pequena, baixa e pardacenta, toucada, qual freira, com um telhado pontiagudo.

Um dos lados do telhado estava fortemente marcado pelas intempéries e, junto ao beiral relvado, parecia forrado de veludo; aí, por certo, os monásticos caracóis fundavam musgosos priorados. O outro lado fora recentemente revestido. Na parede norte, que não tinha portas nem janelas, as ripas exteriores, virgens de tinta, estavam ainda verdes como o lado norte de pinheiros cobertos de líquenes, ou como os cascos sem fundo de cobre de juncos japoneses numa calmaria. A base, como as dos rochedos vizinhos, era toda orlada de veios escuros

**40** do mais rico solo, pois nas pedras-do-lar

no país das fadas, a rocha natural, apesar de domesticada, mantém até ao fim, como em campo aberto, os seus fertilizantes; apenas agora se vê forçada a agir à distância sobre o relvado circundante. Pelo menos, assim diz Oberon<sup>18</sup>, essa autoridade solene em tradição feérica. No entanto, deixando agora Oberon, certo é que, no mundo vulgar, o solo junto às casas de quinta, tal como junto aos rochedos das pastagens, mesmo que não amanhado, é sempre mais rico do que a alguns metros de distância — por virtude do brando e nutritivo calor que daí emana.

No caso desta cabana, os veios escuros eram mais abundantes à frente e em redor da sua entrada, onde as pedras de base, especialmente a soleira, tinham tido muito tempo para assentar serenamente.

Não havia vedação, nem cerca. Ali perto — fetos, fetos, fetos; mais longe — bosques, bosques, bosques; ainda além — montanhas, montanhas, montanhas; por fim — céu, céu, céu. Uma sucessão de prados aéreos, pastagens para a lua da montanha. Natureza, e nada mais do que natureza, era a casa e tudo o resto, incluindo uma pilha baixa onde se cruzavam toros de vidoeiro prateado, amontoados de forma arejada, para secarem; no alto, por entre esses paus prateados, como pela vedação de um jazigo isolado, irrompiam framboesiras selvagens — voluntariosas defensoras do seu direito de passagem.

O carreiro, delicadamente estreito como um carreiro de ovelhas, passava por **41**

entre longos fetos acamados. O país das fadas, por fim, pensei eu; aqui vivem Una<sup>19</sup> e o seu cordeiro. Na verdade, a casa é pequena — um mero palanquim instalado no cume, numa passagem entre dois mundos, sem participar em nenhum.

O tempo estava abafado e eu usava um chapéu leve de gaxeta amarela, com calças de cotim branco — recordações das minhas viagens pelos mares tropicais. Embaraçando-me nos fetos densos, tropecei molemente, manchando os joelhos de verde marinho.

Detendo-me na soleira, ou antes, onde em tempos fora a soleira, vi, pela ombreira aberta, uma rapariga solitária, que cosia junto a uma janela solitária. Uma rapariga de faces pálidas e uma janela sarapintada de moscas, com as vidraças mais altas remendadas e percorridas por vespas. Falei. Sobressaltou-se timidamente, como uma rapariga taitiana isolada para o sacrifício que pela primeira vez avistasse, por entre folhas de palmeira, o capitão Cook. Re-compondo-se, convidou-me a entrar; com o avental espanou um banco; voltou silenciosamente a ocupar o seu. Agradecendo, sentei-me, mas também fiquei mudo durante algum tempo. Eis, então, a casa da montanha das fadas, e aqui está a rainha das fadas, sentada à sua janela encantada.

Aproximei-me desta. Olhando para baixo, orientado pela passagem afunilada como num telescópio apontado, avistei um mundo longínquo, ameno, azul-celeste. Mal o

**42** reconheci, apesar de ter vindo de lá.

— Deve achar esta vista muito agradável — disse eu, por fim.

— Ai, meu senhor — de lágrimas nos olhos — da primeira vez que olhei por esta janela, disse: “nunca, nunca me cansarei disto”.

— E o que a cansa nela agora?

— Não sei — e uma lágrima caía —, mas a culpa não é da vista, é de Marianna<sup>20</sup>.

Alguns meses antes, o irmão dela, apenas com dezassete anos, tinha chegado aqui, vindo de muito longe, do outro lado, para cortar madeira e fazer carvão; ela, a irmã mais velha, tinha-o acompanhado. Órfãos há muito, eram agora os únicos ocupantes da única casa da montanha. Nenhum visitante vinha, nenhum viajante passava. A estrada, perigosa e zigzagueante, só era usada em certas ocasiões pelas carroças do carvão. O irmão estava ausente todo o dia, por vezes toda a noite. Quando, ao anoitecer, acontecia o pobre chegar extenuado a casa, rapidamente trocava o banco pela cama; tal como enfim se abandona também esta para um repouso ainda mais profundo. O banco, a cama, a cova.

Eu mantinha-me silencioso, de pé junto à janela encantada, enquanto ouvia estas coisas.

— Sabe — disse ela por fim, como que desviando-se da sua história — sabe quem vive além? Nunca estive nessas terras aí em baixo — ali, naquele sítio, quero dizer, naquela casa, a de mármore — e apontava para bem longe, para o outro lado da paisagem inferior — não está a vê-la? Ali, na longa encosta; com o campo à frente e os bosques atrás; o

branco da casa refulge sobre o azul deles; não lhe salta à vista? É a única casa diante dos nossos olhos.

Olhei; e ao cabo de algum tempo, para minha surpresa, reconheci, mais pela posição do que pelo aspecto, ou que pela descrição de Marianna, a minha própria casa, tremeluzindo de forma muito semelhante à desta casa nas montanhas, vista do alpendre. A neblina ilusória fazia-a parecer não uma casa de campo, mas sim o palácio do Príncipe Encantado.

— Muitas vezes me perguntei quem viverá ali; alguém feliz, por certo; ainda esta manhã pensava nisso.

— Alguém feliz — retorqui eu, num sobressalto —, e porque pensa isso? Julga que vive ali alguém rico?

— Se é rico ou não, é coisa em que nunca pensei; mas parece um lugar tão feliz, que nem tenho palavras; e está tão longe. Às vezes penso que sou eu que sonho que está ali. Devia vê-la ao pôr do Sol.

— Por certo que o pôr do Sol há-de dourá-la admiravelmente; mas talvez não mais do que o nascer do Sol doura esta casa.

— Esta casa? O Sol é bom, mas nunca a doura. Porque o faria? Esta velha casa está podre. É o que a faz tão musgosa. É verdade que, de manhã, o Sol entra por esta velha janela — estava entaipada, quando cá chegámos; não consigo mantê-la limpa, por mais que faça — meio a queimar, e quase me cega quando estou a coser, para além de atijar as moscas e

**44** as vespas — moscas e vespas como só

existem em casas de montanha isoladas. Veja aqui a cortina — este avental — com que tento proteger-me nessas alturas. Está desbotada, como vê. O Sol a dourar esta casa? Marianna nunca tal viu.

— Isso é porque, na altura em que o telhado é mais dourado, está recolhida em casa.

— Refere-se à hora mais quente e molesta do dia? O Sol não doura este telhado, meu senhor. Deixava entrar tanta água, que o meu irmão teve de recobrir-lhe um lado inteiro. Não reparou? O lado norte, onde o Sol mais bate no que a chuva molhou. O Sol é bom; mas este telhado primeiro queima e depois apodrece. A casa é velha. Os que a construíram, diz-se, foram para oeste, e morreram há muito. É uma casa de montanha. No Inverno, nem uma raposa aqui viveria. Aquela chaminé já esteve entupida de neve, tal e qual um cepo oco.

— Estranhas fantasias as suas, Marianna.

— Apenas reflectem as coisas.

— Então, eu deveria ter dito: “Estranhas coisas estas” em vez de “estranhas fantasias as suas”

— Como queira — e recomeçou a coser.

Algo nessas palavras plácidas, ou nessa plácida atitude, voltou a deixar-me mudo; avistei então, pela janela encantada, uma vasta sombra furtiva, aparentemente projectada por um condor gigantesco, que flutuasse absorto, de asas abertas, e notei a forma como a sua escupidão, mais profunda e envolvente, ia varrendo para dentro de si mesma todas as sombras menores de rochedos e de fetos.

— Está a olhar para a nuvem — disse Marianna.

— Não, para uma sombra; sombra de nuvem, sem dúvida — apesar de não a poder ver. Como deu por isso? Tem os olhos no trabalho.

— A nuvem escureceu-mo. Pronto, agora que ela se foi, aí volta o Tray.

— Desculpe?

— É um cão, um cão felpudo. Pelo meio-dia esgueira-se sozinho para mudar de forma — depois volta e fica um tempo deitado junto à porta. Não o vê? Tem a cabeça voltada para si, se bem que, na altura em que entrou, estivesse a olhar para a frente.

— Continua com os olhos na costura; de que está a falar?

— Está ali a passar, junto à janela.

— Quer dizer esta sombra farfalhuda, aqui ao pé? Ah, sim, agora reparo, não é muito diferente dum grande terra-nova preto. Agora que a sombra invasora se foi, regressa a invadida. Mas não vejo o que a projecta.

— Para isso, terá de sair.

— Será, sem dúvida, um desses rochedos relvosos.

— Está a ver a cabeça, o focinho dele?

— Da sombra? Está a falar como se a visse, mas nunca levanta os olhos da costura.

— O Tray está a olhar para si — disse, sempre sem levantar os olhos — é a hora dele; eu vejo-o.

— Anda aqui há tanto tempo a olhar por esta janela nas montanhas, diante da

qual apenas passam nuvens e neblinas que para si as sombras são como coisas, apesar de falar delas como se fossem fantasmas; e tem tão grande familiaridade com elas que, como por uma segunda visão consegue, sem ter de as procurar, saber exactamente onde estão, apesar de elas se esgueirarem, indo e vindo como se tivessem patinhas de rato; que, para si, essas sombras sem vida são como amigos vivos, cujos rostos, apesar de longe da vista, nunca estão longe do coração — é isso?

— Nunca pensei nisso assim. Mas a mais amável de todas, que tanto suavizava o meu enfado quando fremia calmamente sobre os fetos, fugiu-me, como fez agora o Tray, para nunca mais voltar. Era a sombra de um vidoeiro. Foi atingido por um relâmpago, e o meu irmão cortou-o. Já viu a pilha de toros lá fora — a raiz está enterrada por baixo dela; mas não a sombra. Essa foi-se, e nunca regressará, nem voltará a bulir em lugar nenhum.

Nessa altura, insinuou-se outra nuvem, apagando mais uma vez o cão e enegrecendo toda a montanha; a quietude era tão profunda, que a própria surdez poderia perder consciência de si própria, ou mesmo acreditar que a silenciosa sombra falava.

— Aves, Marianna, aves canoras, não ouço nenhuma; não ouço nada. Nunca aqui sobem meninos e passarinhos à procura de bagas?

— Passarinhos, raramente os ouço; meninos, nunca. A maior parte das bagas cai de madura — e poucos, para além de mim, dão por isso.

— Mas acompanharam-me até aqui pássaros amarelos — parte do caminho, pelo menos.

— E depois voaram daqui. Acho que brincam na colina, mas não vivem aqui no cimo. Por certo acha que o facto de eu viver aqui tão solitária, sem nada saber, sem nada ouvir — pelo menos, pouco mais do que trovões e árvores a cair — nunca lendo, raramente falando, mas no entanto numa insónia constante, é que me dá estes estranhos pensamentos — pelo menos, assim lhes chama — este cansaço e vigília ao mesmo tempo. Quem me dera poder repousar como o meu irmão, que passa o dia de pé, a trabalhar ao ar livre; mas os meus afazeres, na maior parte, não passam de monótonas tarefas de mulher — sempre sentada, inquietamente sentada.

— Mas não vai passear às vezes? Estes bosques são vastos.

— E solitários; solitários, por serem tão vastos. É verdade que, por vezes, à tarde, saio um pouco; mas depressa volto. É melhor sentirmo-nos sozinhos ao pé da lareira do que de rochedos. As sombras daqui são minhas conhecidas — as dos bosques são-me estranhas.

— E a noite, então?

— É como o dia. Penso, penso — é como uma roda que não posso parar; mantém-se a girar por pura falta de sono.

— Para este cansaço insone, ouvi dizer que, depois de rezarmos as nossas orações, se pousarmos a cabeça numa almofada de

**48** lúpulo fresco...

— Olhe!

Pela janela encantada apontou ladeira abaixo para um pequeno canteiro próximo — uma simples mancheia de terra barrenta e sulcada, meio circundada por rochas protectoras — onde, lado a lado, a alguns palmos de distância, duas enfezadas e insignificantes trepadeiras de lúpulo subiam duas varas e, ao alcançarem a extremidade destas, ter-se-iam unido num abraço aéreo, não tivessem as desorientadas vergôntes, após andarem algum tempo às apalpadelas no ar, descido até ao seu local de nascença.

— Tentou, então, a almofada?

— Sim.

— E a oração?

— Uma e outra.

— Não haverá outra cura, ou mezinha?

— Ai, pudesse eu ir apenas uma vez até aquela casa além, só para ver o feliz ser que lá vive! Que ideia disparatada; por que a tive? Será por viver tão solitária e ser tão ignorante?

— Eu também sou ignorante; portanto, não posso responder; mas, por si, Marianna, bem queria ser esse ditoso ocupante da alegre morada que sonha ver; pois então aqui o contemplaria e, como diz, este enfado talvez a deixasse.

Basta. Não mais larguei amarras para o país das fadas; deixo-me ficar pelo alpendre. É o meu camarote real; e este anfiteatro é o meu teatro de San Carlo<sup>21</sup>. Sim, o cenário é mágico — a ilusão não podia ser mais completa.

A senhora Cotovia do Prado, a minha **49**

prima-dona, oferece aqui a sua r cita de gala e, enquanto absorvo o seu cântico matinal, que parece vibrado, qual colosso de M mnon<sup>22</sup>, pela tal janela dourada, não podia estar mais longe de mim o fatigado rosto que ela oculta.

Mas, todas as noites, quando desce o pano, a verdade vem com a escuridão. Nenhuma luz brilha na montanha. Percorro para tr s e para diante a coberta do alpendre, perseguido pelo rosto de Marianna e por muitas outras histórias igualmente verdadeiras.

<sup>1</sup> William Shakespeare, *Cimbelino, Rei da Britânia* (trad. de José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra), Livros Cotovia, Lisboa, 2000.

<sup>2</sup> Alusão   morte do pai de Hamlet, nessa peça de Shakespeare.

<sup>3</sup> Capital da República do Equador, na América do Sul; esta referência   usada pelo narrador para, hiperbolicamente, dar uma ideia da imensidão da vista que lhe   proporcionada pela sua propriedade. Este conto, cuja geografia   razoavelmente fantasiosa, baseia-se em elementos autobiográficos.

<sup>4</sup> 1848 tinha sido, na Europa, um ano de grandes revoltas contra o poder real, mas estas acabaram por ser desbaratadas em pouco tempo.

<sup>5</sup> Lucas, 16.19-31.

<sup>6</sup> Rei da Inglaterra entre 1016 e 1035. Corria uma lenda a seu respeito segundo a qual, entusiasmado pelo seu poder temporal, mandou que lhe colocassem o trono na praia, frente   maré que enchia, ordenando de l  às ondas que recuassem, o que, evidentemente, não sucedeu.

<sup>7</sup> Deusa grega a quem foi atribuída a inven o da feitiçaria.

<sup>8</sup> Personagens de *Macbeth*, tragédia de William Shakespeare (1564-1616).

<sup>9</sup> 1 Samuel, 22.1.

<sup>10</sup> Parte dos Alpes Su os.

<sup>11</sup>  xodo, 19.18.

<sup>12</sup> Localidade da Bolívia, onde, entre o século XVI e XVIII, se exploraram importantes jazigos de prata.

<sup>13</sup> Peça de Shakespeare, em que boa parte dos intervenientes são entidades fe ricas. Titânia  , aí, a rainha do povo das fadas.

<sup>14</sup> Lúcifer   o líder dos anjos que, por se rebelarem contra Deus, foram lançados ao Inferno. Miguel   o arcanjo que lidera os anjos leais. Além da *Bíblia*, a inspira o principal para este passo estará no poema  pico *Paradise Lost*, de John Milton.

<sup>15</sup> Alusão a *The Faerie Queene*, um longo, complexo e inacabado poema de demanda em ambiente feérico por Edmund Spenser (1552?-1599). A admiração de Melville por este livro está bem patente no facto de esta ser uma das várias vezes que o menciona na sua obra.

<sup>16</sup> Um vulgar carneiro é deste modo aproximado à constelação do mesmo nome, jogando com as alusões astronómicas que se seguem.

<sup>17</sup> Plantas norte-americanas da família das aráceas. O seu nome, numa tradução literal, seria “Joões-no-púlpito”, o que torna natural a sua aproximação à pregação no deserto de São João Baptista. Infelizmente, não foi possível manter a comparação de Melville nesta tradução portuguesa.

<sup>18</sup> Rei das fadas na peça *Sonho de uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, atrás mencionada.

<sup>19</sup> Personagem feminina de *The Faerie Queene*.

<sup>20</sup> O nome da rapariga (apesar da variação gráfica) é uma clara alusão à sombria comédia *Measure for Measure*, de Shakespeare, onde Mariana, abandonada pelo homem que ama, vive isolada numa granja rodeada por um fosso. Essa figura foi, mais tarde, a voz e o título de um dos poemas mais conhecidos de Alfred Lord Tennyson (1809-1892), publicado em 1830, ou seja, sensivelmente um quarto de século antes de “O Alpendre” ter sido escrito. Nesse poema, aprofunda-se uma análise psicológica dos efeitos obsessivos e prostradores dos desejos frustrados e do isolamento.

<sup>21</sup> Grande ópera na Baía de Nápoles, donde é possível avistar o Vesúvio.

<sup>22</sup> Estátua colossal do antigo Egipto, que se dizia saudar o sol nascente com um canto.



S.Y. Agnon **Amizade**

*Tradução de Lúcia Liba Mucznik*

**S.Y. Agnon** (1888-1970) prêmio Nobel da Literatura em 1966, é uma das figuras principais da literatura hebraica moderna. Nascido em Buczacz, na Polónia, com o nome de Shmuel Yosef Czaczkes, S.Y. Agnon recebeu uma educação judaica tradicional e começou muito cedo a escrever em hebraico e idiche. Após uma estadia na Palestina durante a juventude, viveu na Alemanha entre 1913 e 1924 e, nesse ano, instalou-se em Jerusalém. A referência a textos bíblicos, rabínicos e místicos da tradição judaica é um dos aspectos importantes dos contos, novelas e romances em que S.Y. Agnon nos dá, ao mesmo tempo, uma visão do mundo perdido do Judaísmo da Europa Oriental e da sociedade emergente do moderno Israel. Traduzido do original hebraico, "Amizade" foi escrito em 1932 e faz parte do Livro dos Feitos, Vol. VI das Obras Completas de Samuel Joseph Agnon, 13ª edição, Tel-Aviv, Schocken, 1968.

A minha mulher regressara de viagem e eu sentia-me muito feliz. Mas à minha alegria misturava-se uma ponta de tristeza, porque receava que os vizinhos viessem incomodar-nos. Vamos a casa de fulano ou fulana, disse à minha mulher, se eles vierem a nossa casa, não será fácil vermo-nos livres deles tão depressa, enquanto que se formos nós a casa deles poderemos levantar-nos e despedir-nos quando quisermos.

Apressámo-nos a ir a casa da Senhora Klingel. Como era costume dela vir a nossa casa, fomos nós lá primeiro.

A Senhora Klingel fora uma mulher famosa; antes da guerra tinha dirigido uma escola. Desde que a ordem do mundo se alterara, caíra do seu pedestal, como simples professora; mas ainda se dava ares de grande importância, falava às pessoas com modos de patroa e procurava aproximar-se e frequentar a casa de qual-  
quer pessoa célebre. A minha mulher co-

nhecera-a na época em que fora directora, o que levava a Senhora Klingel a procurá-la, tal como se agarrava a todas as testemunhas da sua glória. Tratava a minha mulher com uma amizade especial e chamava-a pelo nome próprio. Eu também conheci a Senhora Klingel no tempo da sua glória, mas duvido que alguma vez tenha falado com ela. Antes da guerra, quando as pessoas ainda não eram hostis umas às outras, se alguém encontrava um vizinho, olhava-o como amigo sem necessariamente lhe falar.

A Senhora Klingel estava estendida na cama. Um pouco afastadas, sentadas num sofá de veludo, estavam três amigas dela que eu não conhecia. Quando entrei cumprimentei cada uma delas, sem lhes dizer o meu nome, nem me preocupar em ouvir o delas.

A Senhora Klingel sorriu-nos afectuosamente e continuou a tagarelar como era seu costume. Não abri a boca e pensei para mim, não tenho nada contra ela, mas aborrece-me, pois quando ando na rua e quero passar despercebido, ela vem ter comigo subitamente, tenho que a cumprimentar e perco o fio dos meus pensamentos. Lá porque a conheci há muitos anos te-rei de me sujeitar a ela para sempre?

Estava zangado e não disse a mim próprio: se encontrares uma pessoa e não souberes o que vos une, é óbvio que não cumpriste o teu dever para com ela numa vida anterior. Por isso regressaram ambos ao mundo a fim de reparar a tua falta noutra encarnação.

Estava eu às voltas com a minha cólera,  
**56** quando a Senhora Klingel disse à minha

mulher, tu, minha querida, foste viajar, e entretanto o teu marido andou a divertir-se à noite. Ao falar, apontava um dedo na minha direcção e acrescentou rindo, eu não conto à sua mulher sobre as raparigas bonitas que vieram a sua casa.

Como eu estava longe dos prazeres, nessa altura! Nem os sonhos me davam prazer. E vem aquela contar à minha mulher que o marido tinha recebido visitas de raparigas bonitas! E que se tinha divertido com elas! Fiquei tão cheio de raiva que todo eu tremia. Saltei e cobri-a de insultos. Atirei-lhe à cara todas as injúrias que conhecia. A minha mulher e ela olharam para mim espantadas. Eu próprio fiquei espantado com a minha reacção, pois a Senhora Klingel só quisera dizer uma piada. Qual a razão daquela cólera e dos insultos? Mas eu estava furioso e da minha boca só saíam insultos e pragas. Por fim, agarrei a minha mulher pelo braço e saí sem me despedir. À saída deparei com as três amigas da Senhora Klingel e pareceu-me ouvir uma delas dizer à outra, que estranha piada a da Senhora Klingel.

A minha mulher arrastava-se e seguia-me. Pelo seu silêncio era óbvio que estava triste. Mais do que a vergonha por que eu fizera passar a Senhora Klingel, entristecia-a o facto de me ter encolerizado, mas calava-se por amor e não disse nada.

Continuámos a andar assim, sem dizer nada. Cruzámo-nos com três pessoas. Eu conhecia uma delas, mas não as outras duas. Aquele que eu conhecia era professor de hebraico, viajara muito e voltara rico. E agora enchia os jornais com o seu palavreado. Estes **57**

professores continuam a tratar os alunos como crianças, embora eles já sejam crescidos, e a ensinar-lhes coisas sem importância. Mas num dos seus artigos encontrara uma observação justa e, como se apresentou a ocasião, elogiei-o. O rosto iluminou-se-lhe e apresentou-me aos amigos, um dos quais era senador na Polónia e o outro era irmão de uma das três amigas da Senhora Klinggel, ou talvez me engane e ela não tenha irmão nenhum.

Devia ter perguntado àqueles visitantes ilustres se a cidade lhes agradava e outras coisas do género, mas como a minha mulher estava cansada da viagem e triste, custava-me demorar. Abreviei pois a conversa e afastei-me. A minha mulher já fora andando sem esperar por mim. Não fiquei zangado com ela por não ter esperado por mim: é penoso para uma mulher jovem que as pessoas a vejam quando está cansada e triste.

Enquanto ia andando, meti a mão no bolso do peito e tirei um envelope ou uma carta. Parei e li: “a maior provação de Job, não foi de Job mas do Santo, Bendito Seja Ele, que entregou o seu servo Job ao poder do Demónio. Quer dizer que a provação do Santíssimo, Bendito Seja Ele, foi maior que a de Job: Ele tinha um homem simples e recto e entregou-o nas mãos do Demónio”. Depois de ler as minhas palavras, rasguei o envelope e a carta e espalhei os pedaços ao vento, como geralmente faço com todas as cartas, umas vezes antes mesmo de as ler, e outras durante a leitura.

Tendo feito isto disse para mim, tenho de  
**58** encontrar a minha mulher. Os meus pen-

samentos tinham-me preocupado, desviara-me do meu caminho e encontrei-me de repente numa rua onde nunca tinha estado. Não era uma rua diferente das outras ruas da cidade, mas sabia que tinha ido parar a um lugar que não conhecia. Àquela hora, as lojas já estavam todas fechadas e nas montras, entre toda a espécie de mercadoria, brilhavam pequenas lâmpadas. Vi que me tinha afastado de casa e que tinha de tomar outra direção, mas não sabia qual. Olhei para uma escadaria com um corrimão de ferro de cada lado, subi os degraus e cheguei a uma loja de flores. Aí deparei com um pequeno grupo de pessoas, de costas para as flores, e entre elas o Dr. Rishel que lhes expunha as suas novas ideias gramaticais e linguísticas.

Cumprimentei-o e perguntei-lhe onde é..., mas não consegui dizer o nome da rua, porque comecei a gaguejar. Não esquecera o nome da rua, mas as palavras ficavam presas na garganta.

Compreende-se facilmente o estado de espírito de alguém que procura o lugar onde vive e que, quando vai para perguntar, não consegue pronunciar o nome. Mas dominei-me e fiz de conta que estava a brincar. Fiquei subitamente coberto de suores frios. Fora obrigado a revelar o que queria encobrir. Quando voltei a perguntar onde ficava a rua, aconteceu o mesmo que da primeira vez.

O Dr. Rishel parou atónito. Estava no meio da exposição das suas novas ideias quando eu cheguei e o interrompi. Entretanto, os amigos despediram-se dele deitando-me um olhar de troça. Olhei para todos os lados. Procu-

rava lembrar-me do nome da minha rua e não conseguia. Umás vezes, parecia-me que era Humboldt e outras Ocidente. Mas mal abri a boca para perguntar, soube que não era nem Humboldt nem Ocidente. Meti a mão ao bolso na esperança de encontrar uma carta com o meu endereço. Encontrei duas cartas que ainda não tinha aberto, mas uma fora-me enviada para o meu antigo apartamento, que deixara, e a outra era endereçada à posta restante. Só recebera uma única carta no apartamento em que vivo agora e acabara de a rasgar momentos antes. Comecei a recitar nomes de cidades e vilas, reis e nobres, sábios e poetas, árvores e flores,... todo o tipo de nomes de ruas, na esperança de me lembrar da minha, mas em vão.

A paciência do Dr. Rishel esgotou-se e começou a bater com os pés no chão. Estou aflito e ele quer deixar-me, pensei. Não somos amigos, não somos ambos seres humanos? E abandona-se um homem num aflição destas? A minha mulher regressou hoje de viagem e eu não consigo ir ter com ela pela simples razão de que me esqueci onde morava. Suba para a carruagem e venha comigo, disse o Dr. Rishel. Perguntei-me qual a razão daquele conselho que não me convinha, mas ele agarrou-me pelo braço e subiu comigo.

Segui-o contra-vontade perguntando-me porque é que o Dr. Rishel me arrastara para aquele eléctrico que não só não me levava para casa como me afastava da minha rua. Lembrei-me de ter visto em sonhos Rishel a lutar comigo. Saltei do eléctrico e deixei-o.

Quando saltei da carruagem, encontrei-me diante dos correios. Veio-me ao espí-

rito a ideia de perguntar aí pelo meu endereço. Mas o meu espírito disse, cuidado, não vá o empregado pensar que sou maluco, pois um homem assisado sabe geralmente onde mora. Estava lá um homem e pedi-lhe que perguntasse ele ao empregado.

Entrou um homem gordo, bem vestido. Era agente de uma companhia de seguros e esfregava as mãos de prazer e satisfação. Dirigiu-se ao meu interlocutor e cortou-lhe a palavra. Subiu-me o sangue à cabeça e disse, que mal educado que você é. Estão duas pessoas a conversar, por que é que se vem meter na conversa? Tinha consciência de que não me estava a portar bem, mas tinha muita pressa e não quis saber de boas educações. O agente de seguros olhou para mim espantado, como se dissesse, que mal lhe fiz eu para que você me insulte? Sabia que, se me calasse, ele levaria a melhor, e então gritei de novo, tenho de voltar para casa, procuro a minha morada, esqueci-me do nome da rua e não sei como ir ter com a minha mulher. Ele pôs-se a rir acompanhado por todos os que tinham acorrido à minha voz. Entretanto, o funcionário fechou o *guichet* e foi-se embora e eu fiquei sem saber o meu endereço.

Em frente dos correios havia um café e lá dentro vi o Sr. Jacob Tzorev. O Sr. Jacob Tzorev tinha sido banqueiro noutra cidade e eu conhecera-o antes da guerra. Quando saí do país, ele teve conhecimento de que eu estava com dificuldades e mandou-me dinheiro. Depois de lhe pagar a dívida, nunca mais lhe escrevi. Costumava dizer, hei-de voltar a Israel mais cedo ou mais tarde e apaziguá-lo-ei. Entretanto tinham passado vinte anos sem nos vermos. **61**

Ao vê-lo agora, corri para o café, agarrei-lhe os braços por detrás, abracei-o com alegria, chamando-o pelo nome próprio. Ele voltou-se para mim e não disse nada. Interroguei-me sobre o seu silêncio e porque razão não me dava qualquer sinal de amizade. Não via como me era caro, como gostava dele?

Um jovem aproximou-se e sussurrou, o meu pai é cego. Olhei-o e vi que era cego dos dois olhos. Era difícil não me regozijar com o meu amigo e difícil regozijar-me por ele, pois quando o deixara e saíra do país, os olhos dele brilhavam e agora estavam cegos.

Queria perguntar pela saúde dele e pela da mulher. Mas, mal abri a boca, falei da minha casa. Formaram-se-lhe duas rugas debaixo dos olhos e parecia que era por ali que ele espreitava. De repente, começou a tactear com as mãos, inclinou-se para o lado do filho e disse, este senhor era meu amigo. É verdade, disse eu acenando com a cabeça, era seu amigo e seu amigo sou. Mas nem as palavras do pai, nem as minhas, tiveram qualquer efeito sobre o filho, que não me prestou atenção. Após uma breve pausa, o senhor Tzorev disse para o filho, acompanha-o e ajuda-o a encontrar a casa dele.

O rapaz ficou-se um momento. Via-se bem que lhe era difícil deixar o pai só. Por fim abriu os olhos e olhou para mim. Iluminaram-se-lhe os belos olhos e vi-me diante da minha casa.

Dino Buzzati **Sete andares**

*Tradução de Clara Rowland*

**Dino Buzzati** nasceu em San Pellegrino, província de Belluno, Itália, em 1906. Estudou Direito e foi durante toda a vida jornalista do "Corriere della Sera", viajando como repórter de guerra. Morreu em 1972. Estreou-se em 1933 com Barnabó delle Montagne, um livro de contos, mas foi com o romance O Deserto dos Tártaros, publicado em 1940, que passou a ser conhecido e reconhecido em Itália. Foi também pintor. Frequentemente aproximado de Kafka, Buzzati trabalhou na ficção a introdução de um fantástico ou de um absurdo intimamente relacionados com o quotidiano, jogando muitas vezes com a forma breve do conto, com "a estrutura breve e ágil" da narração curta. "Sette Piani" faz parte do primeiro livro de contos de Buzzati, "I sette messaggeri", de 1942.

Ao fim de um dia de viagem de comboio, Giuseppe Corte chegou, numa manhã de Março, à cidade onde ficava a famosa clínica. Tinha um pouco de febre, mas quis fazer a pé o caminho da estação para o hospital, levando consigo a pequena mala.

Embora manifestasse apenas os primeiros sintomas, fora aconselhado a dirigir-se ao célebre sanatório onde se tratava exclusivamente aquela doença. Isso garantia uma competência excepcional por parte dos médicos e uma distribuição mais racional do equipamento.

Ao vê-lo de longe — e reconheceu-o a partir de uma fotografia que tinha visto num folheto publicitário — Giuseppe Corte ficou com uma ótima impressão. O edifício branco, de sete andares, era marcado por reentrâncias regulares que lhe davam uma vaga aparência de hotel. À sua volta havia uma cerca de árvores altas.

Depois de uma consulta superfi-

cial, enquanto esperava um exame mais cuidadoso e completo, Giuseppe Corte foi instalado num alegre quarto do sétimo e último andar. Os móveis, como a alcatifa, eram claros e asseados, as poltronas de madeira, as almofadas forradas com tecidos coloridos. O quarto dava para um dos bairros mais bonitos da cidade. Tudo ali era tranquilo, acolhedor e reconfortante.

Giuseppe Corte deitou-se na cama, acendeu o candeeiro e começou a ler um livro que tinha trazido. Pouco depois, entrou uma enfermeira para lhe perguntar se desejava alguma coisa.

Giuseppe Corte não desejava nada mas pôs-se a conversar muito bem com a rapariga, pedindo-lhe informações sobre a clínica. Ficou assim a conhecer a estranha característica daquele hospital: os doentes eram distribuídos pelos diferentes andares segundo a sua gravidade. No sétimo, ou seja no último, ficavam os casos muito ligeiros. O sexto destinava-se a doentes que não podiam ser considerados graves mas que exigiam já algum cuidado. No quinto andar já se tratavam formas sérias e assim por diante, de andar em andar. No segundo estavam os doentes gravíssimos. No primeiro, aqueles por quem era inútil ter esperança.

Este curioso sistema, além de proporcionar ao serviço uma maior eficiência, impedia que um doente com pouca gravidade pudesse ser perturbado pela proximidade de um colega em agonia, e garantia em cada andar uma atmosfera homogénea. Por outro lado, o tratamento podia ser regulado de forma perfeita e com os me-

Os doentes dividiam-se assim por sete castas progressivas. Cada andar era como um pequeno mundo isolado, com as suas regras particulares, as suas especiais tradições que nos outros andares não tinham qualquer valor. E como cada sector estava nas mãos de um médico diferente, tinham-se criado diferenças específicas, ainda que mínimas, nos métodos de tratamento, apesar de o director geral ter dado ao instituto uma única orientação de fundo.

Quando a enfermeira saiu, Giuseppe Corte, parecendo-lhe que a febre tinha desaparecido, foi à janela e ficou a olhar lá para fora, não para observar a vista da cidade, que até era nova para ele, mas na esperança de avistar, através dos vidros, outros doentes dos andares inferiores. A estrutura do edifício, com as suas grandes reentrâncias, permitia esse género de observações. Giuseppe Corte concentrou a sua atenção nas janelas do primeiro andar que pareciam muito distantes e que se viam de esguelha. Mas não pôde distinguir nada de interessante. A maioria estava hermeticamente fechada por persianas cinzentas.

O Sr. Corte apercebeu-se de que, numa janela ao lado da sua, estava um homem. Olharam-se com simpatia cada vez maior, mas não sabiam como quebrar o silêncio. Por fim, Giuseppe Corte ganhou coragem e disse:

— Também está cá há pouco tempo?

— Não, não — respondeu o outro. — Já estou aqui há dois meses... — Calou-se por um momento e depois, sem saber como continuar a conversa, acrescentou: — Estava a olhar para o meu irmão lá em baixo.

— O seu irmão?

— Sim — explicou o desconhecido. — Chegámos juntos, um caso muito estranho, mas ele começou a piorar, veja só que agora já está no quarto.

— No quarto quê?

— No quarto andar — explicou o homem, e proferiu as duas palavras com uma expressão tão cheia de comiseração e de horror que Giuseppe Corte quase se assustou.

— Os doentes do quarto andar estão assim tão mal? — perguntou com cautela.

— Bem — disse o outro, abanando lentamente a cabeça — ainda não são casos perdidos, mas não é nada animador.

— Mas então — interrogou ainda o Sr. Corte, com o ar desenvolto de quem fala de coisas trágicas que lhe são completamente alheias — então, se no quarto andar já estão tão mal, quem é que eles mandam para o primeiro?

— Ah — respondeu o outro — para o primeiro só vão os moribundos. Lá em baixo, os médicos já não podem fazer nada. O único que trabalha, ali, é o padre. E claro que...

— Mas há poucas pessoas no primeiro andar — interrompeu Giuseppe Corte, como se fosse muito importante confirmar a sua ideia. — Os quartos lá de baixo estão quase todos fechados.

— Isso é agora. Hoje de manhã o andar estava cheio — respondeu o desconhecido com um leve sorriso. — Nos quartos em que as persianas estão fechadas, morreu alguém há pouco tempo. Não notou que nos outros

andares estão todas abertas? Mas com licença — acrescentou, retirando-se lentamente — parece-me que está a ficar frio. Vou voltar para a cama. As melhoras, as melhoras...

O homem desapareceu do parapeito e a janela fechou-se com força; acendeu-se depois dentro do quarto uma luz. Giuseppe Corte ficou por um momento imóvel, de olhos postos nas persianas do primeiro andar. Fixava-as com uma intensidade doentia, tentando imaginar os segredos fúnebres daquele terrível lugar para onde os doentes eram desterrados para morrer; e sentia-se aliviado por se saber tão distante. Caíam sobre a cidade as sombras da noite. Uma a uma iam-se iluminando as mil janelas do sanatório. Para quem o visse de longe, poderia parecer um palácio em festa. Apenas no primeiro andar, no fundo do precipício, dezenas e dezenas de janelas permaneciam cegas e apagadas.

O resultado do exame geral tranquilizou Giuseppe Corte. Habitado a imaginar o pior, estava já preparado para um veredicto severo e não teria ficado admirado se o médico lhe tivesse declarado que o devia destinar ao andar de baixo. A febre, com efeito, não dava sinais de desaparecer, apesar de as condições gerais se manterem boas. Mas o clínico dirigiu-lhe palavras afáveis e animadoras. Havia um começo de doença — disse-lhe — mas extremamente ligeiro. Em duas ou três semanas, provavelmente, tudo teria passado.

— Quer dizer que fico no sétimo andar?  
— perguntou por esta altura o Sr. Corte,  
num tom ansioso.

— Claro! — respondeu o médico, dando-lhe uma pancadinha cordial nas costas. — Para onde é que pensava que ia? Para o quarto andar? — perguntou, rindo como se se tratasse da hipótese mais absurda.

— Ainda bem, ainda bem — respondeu Giuseppe Corte. — Sabe como é, os doentes estão sempre à espera do pior...

Giuseppe Corte ficou no quarto que lhe tinha sido atribuído originariamente. Aprendeu a conhecer alguns dos seus companheiros da clínica, nas poucas tardes em que lhe era permitido levantar-se. Seguiu com empenho o tratamento, dedicando-se de corpo e alma a melhorar rapidamente. A sua condição, no entanto, parecia estacionária.

Tinham passado cerca de dez dias quando se apresentou no quarto do Sr. Corte o enfermeiro-chefe do sétimo andar. Precisava de lhe pedir um favor de amigo para amigo: iria entrar, no dia seguinte, no hospital, uma senhora com duas crianças — havia dois quartos livres, precisamente ao lado daquele, mas faltava ainda um terceiro. Não se importaria o Sr. Corte de mudar para outro quarto, tão confortável quanto este?

Giuseppe Corte não colocou obviamente nenhum problema, pois não via diferença entre este ou outro quarto. Talvez até ficasse com uma nova enfermeira, ainda mais encantadora.

— Agradeço-lhe imenso — respondeu o enfermeiro-chefe com uma ligeira vénia. — Confesso que esse gesto de cavalheirismo não me surpreende numa pessoa como o senhor.

**70** Se não tiver nenhuma objecção, daqui a

uma hora começaremos a mudança. Teremos de ir para o andar de baixo —, continuou, no tom atenuado de quem acrescenta um detalhe sem importância. — Infelizmente, já não há quartos vazios neste andar. Mas é uma colocação provisória — apressou-se a especificar ao ver que o Sr. Corte, levantando-se bruscamente, ia começar a protestar. — Uma colocação absolutamente provisória. Assim que houver um quarto livre, e penso que será dentro de dois ou três dias, poderá voltar cá para cima.

— Para ser sincero — disse Giuseppe Corte com um sorriso, para demonstrar que não era nenhuma criança — este tipo de mudança não me agrada nada.

— Mas não há nenhuma razão médica... Percebo perfeitamente o que quer dizer... Trata-se apenas de fazer um favor a uma senhora que não se quer separar dos filhos. Mas pelo amor de Deus — acrescentou rindo abertamente — não pense sequer que possa haver outras razões!

— Será — concluiu Giuseppe Corte. — Mas parece-me de mau agoiro.

O Sr. Corte passou assim para o sexto andar e, mesmo sabendo que a mudança não correspondia a um agravamento da doença, sentia-se desconfortável com a ideia de que entre ele e o mundo normal, o mundo das pessoas sãs, se erguia agora um nítido obstáculo. No sétimo andar, porto de chegada, estava-se ainda de certa forma em contacto com a sociedade humana — podia ser concebido, o sétimo andar, quase como um prolongamento do mundo habitual.

Mas chegando ao sexto começava-se a en- **71**

trar no corpo autêntico do hospital; a mentalidade dos médicos, das enfermeiras e dos próprios pacientes era ligeiramente diferente; admitia-se já que naquele andar se acolhiam verdadeiros doentes, embora não em estado grave. Nas primeiras conversas com os vizinhos de quarto, com a equipa médica e com os enfermeiros, Giuseppe Corte apercebeu-se de que naquela secção o sétimo andar era considerado uma brincadeira, reservada a doentes amadores, que sofriam sobretudo de manias. Só a partir dali, a partir do sexto, é que se começava a sério.

Giuseppe Corte percebeu contudo que para voltar para o andar de cima, para o lugar que lhe estava destinado pelas características da sua doença, enfrentaria certamente alguma resistência. Para voltar ao sétimo andar, para obter essa mínima mudança, iria ter de pôr em marcha uma máquina complexa. Pois não tinha dúvidas de que, se nada dissesse, ninguém se iria lembrar de o transferir novamente para o andar dos “quase são”.

Decidiu não vacilar na defesa dos seus direitos e não se deixar enredar pelo hábito. Esforçava-se por especificar aos colegas de secção que se encontrava ali apenas por pouco tempo, que tinha sido ele a querer descer de andar, para fazer um favor a uma senhora, e que assim que um quarto fosse libertado voltaria para cima. Os outros anuíam, pouco convencidos.

As certezas de Giuseppe Corte foram confirmadas pela opinião do novo médico. Também ele admitia que o Sr. Corte podia muito bem ser destinado ao sétimo andar. A sua

doença era ab-so-lu-ta-men-te li-gei-ra — marcava as sílabas para lhes dar importância —, mas no fundo considerava que no sexto andar Giuseppe Corte talvez pudesse receber um tratamento mais eficaz.

— Não vamos começar com isso — intervinha com decisão o paciente. — Disse que o sétimo andar é o meu lugar — e eu quero voltar para lá.

— Mas ninguém disse o contrário — respondia o médico. — A minha é uma mera sugestão não de mé-di-co, mas de au-tên-ti-co amigo! Repito: o seu mal é extremamente ligeiro (não seria exagero nenhum dizer que o senhor nem sequer está doente), mas na minha opinião distingue-se de casos análogos por uma questão de extensão. Passo a explicar: a intensidade da doença é mínima, mas a sua amplitude é considerável — o processo de destruição das células. Era a primeira vez que Giuseppe Corte ouvia aquela sinistra expressão «o processo de destruição das células é absolutamente inicial, talvez até nem tenha ainda começado, mas tem tendência, repito: apenas tendência, para atacar vastas proporções do organismo ao mesmo tempo. É só por esta razão que, na minha opinião, o tratamento pode ser mais eficaz neste andar, onde os métodos terapêuticos são mais intensos e direccionados.»

Um dia comunicaram-lhe que o director geral do instituto, após uma longa consulta com os seus colaboradores, tinha decidido alterar a distribuição dos doentes. O grau de cada um — por assim dizer — iria descer meio **73**

ponto. Admitindo que em cada andar os pacientes estivessem divididos, segundo a gravidade dos seus casos, por duas categorias (esta subdivisão era efectivamente feita pelos respectivos médicos, mas com finalidade exclusivamente interna), a metade inferior seria oficialmente transferida para o andar de baixo. Por exemplo, a metade dos doentes do sexto andar que tivesse formas ligeiramente mais avançadas iria passar para o quinto; e os menos ligeiros do sétimo passariam para o sexto. A notícia agradou a Giuseppe Corte porque, neste quadro de mudanças, o regresso ao sétimo andar poderia ser facilitado.

Quando mencionou esta esperança a uma enfermeira teve uma amarga surpresa. Soube que seria, sim, transferido, mas não para o sétimo andar. Iria descer para o andar de baixo. Por razões que a enfermeira não podia explicar, tinha sido incluído na metade mais “grave” dos hóspedes do sexto andar e deveria por isso mudar para o quinto.

Quando passou o primeiro efeito da surpresa, Giuseppe Corte ficou furioso, gritou que o estavam a aldrabar ignobilmente, que não queria ouvir falar de mais descidas, que se ia embora, que voltava para casa, que os direitos eram direitos e a administração do hospital não podia desprezar tão abertamente os diagnósticos médicos.

Enquanto ele gritava o médico chegou, ofegante, para o tranquilizar. Aconselhou Giuseppe Corte a acalmar-se para não ver a febre subir, explicou-lhe que tinha havido um

mitiu mais uma vez que Giuseppe Corte estaria no seu justo lugar se o tivessem colocado no sétimo andar, mas acrescentou que tinha sobre o seu caso uma opinião levemente diferente, ainda que muito pessoal. No fundo a sua doença podia ser, e claro que só num certo sentido, considerada de sexto grau, vista a dimensão das manifestações do mal. O que ele próprio não era capaz de perceber era como é que o Sr. Corte tinha sido catalogado na segunda metade do sexto andar. Provavelmente o secretário da direcção, que naquela mesma manhã lhe tinha telefonado para perguntar a exacta posição clínica de Giuseppe Corte, tinha anotado mal. Ou então a Direcção tinha propositadamente “piorado” o seu diagnóstico, visto que ele era considerado um médico de grande competência, mas demasiado indulgente. Aconselhava enfim o Sr. Corte a não se deixar perturbar, a aceitar sem protestos a transferência. O importante era a doença, não o lugar em que um doente era colocado.

E no que diz respeito ao tratamento — acrescentou ainda o doutor — Giuseppe Corte não iria ter razão de queixa: o médico do andar de baixo tinha certamente uma experiência maior; era quase um dogma o facto de a habilidade dos médicos ir aumentando, pelo menos segundo a Direcção, à medida que se descia. O quarto seria igualmente cómodo e elegante; a vista ampla, tão ampla quanto esta: só a partir do terceiro andar é que as árvores da cerca começavam a tapar o campo visual das janelas.

Giuseppe Corte, atacado pela febre do entardecer, ouvia as cuidadosas justifi-

cações do médico com um cansaço progressivo. Acabou por sentir que lhe faltava força e sobretudo vontade para continuar a reagir à injusta transferência. E deixou-se levar para o andar de baixo.

A única, ainda que pobre, consolação de Giuseppe Corte, quando se viu no quinto andar, foi saber que médicos, enfermeiros e doentes, todos ali estavam de acordo em dizer que ele era o paciente menos grave. No contexto daquele andar, no fundo, podia considerar-se o que de longe mais sorte tinha. Atormentava-o, no entanto, a ideia de que duas barreiras se erguiam agora entre ele e o mundo das pessoas normais.

A Primavera avançava, o ar aquecia, mas Giuseppe Corte não gostava, como nos primeiros dias, de ficar à janela. Sabia que era um sentimento absurdo, mas sentia um estranho arrepio dentro de si à vista das janelas do primeiro andar, a maioria das quais sempre fechadas, que tão próximas dele agora estavam.

A sua doença parecia estacionária. Depois de três dias de permanência no quinto andar, começou a manifestar-se na perna esquerda um prurido que não deu sinais de querer desaparecer nos dias que se seguiram. Era uma infecção — disse-lhe o médico — absolutamente independente do mal principal; uma perturbação possível na pessoa mais sã do mundo. Seria necessário, para a eliminar em poucos dias, um tratamento intenso de raios digama.

— E aqui não há raios digama? — perguntou Giuseppe Corte.

**76** — Claro que sim — respondeu satisfeito

o médico. — O nosso hospital tem tudo. Há apenas um inconveniente...

— O quê? — perguntou Giuseppe Corte com um vago pressentimento.

— Inconveniente é como quem diz — corrigiu o médico. — Queria apenas dizer que a única instalação para os raios está no quarto andar e eu não lhe recomendo que faça três vezes por dia esse percurso.

— E então?

— Então seria melhor que enquanto a erupção não passar o senhor tivesse a paciência de descer para o quarto andar.

— Já chega! — gritou Giuseppe Corte. — Estou farto de descer! Não vou para o quarto andar, nem morto!

— Como quiser — disse o outro num tom conciliador, para não o irritar. — Mas na qualidade de médico responsável, proíbo-o de ir lá abaixo três vezes por dia.

O pior foi que o eczema, em vez de melhorar, foi aumentando cada vez mais. Giuseppe Corte não conseguia ter descanso e continuava a revirar-se na cama. Durante três dias, raivoso, aguentou. Até que teve de ceder. Pediu de sua própria iniciativa ao médico que lhe fizessem o tal tratamento e que para isso o instalassem no andar de baixo.

Aqui o Sr. Corte percebeu, com um prazer inconfessado, que representava uma excepção. Os outros doentes da secção estavam em condições realmente muito sérias e não podiam sair da cama nem um minuto. Ele tinha o privilégio de poder ir a pé do quarto para a

sala dos raios, entre as felicitações e a surpresa das enfermeiras.

Fez notar ao novo médico, com insistência, a sua posição tão especial. Um doente que no fundo tinha direito ao sétimo andar encontrava-se agora no quarto. Assim que o prurido passasse, tencionava voltar para o andar de cima. Não aceitaria nenhuma desculpa. Ele, que legitimamente podia estar ainda no sétimo andar.

— O sétimo, o sétimo! — exclamou o médico com um sorriso, depois de ter terminado o exame. — Vocês doentes têm a mania de exagerar! Eu sou o primeiro a dizer-lhe que pode estar contente com o seu estado; pelo que vejo do quadro clínico, não houve grandes alterações. Mas daí a poder dizer que o seu lugar é no sétimo — desculpe a minha brutal sinceridade — há uma certa diferença! O senhor é um dos casos menos preocupantes, estou de acordo, mas não deixa por isso de estar doente!

— Mas então, então — reagiu Giuseppe Corte com a emoção à flor da pele — o senhor em que andar me colocaria?

— Bem, não é fácil dizer, fiz só um breve exame. Para poder dar uma opinião devia acompanhá-lo pelo menos durante uma semana.

— Sim, sim — insistiu o Sr. Corte — mas o senhor terá uma ideia...

O médico, para o acalmar, fingiu concentrar-se um momento; depois abanou a cabeça e disse lentamente:

— Ora bem! Para lhe fazer a vontade, quem sabe, podíamos no fundo pô-lo no sexto!

Sim, sim — acrescentou, como para se persuadir. — No sexto estaria bem.

O médico pensava assim animar o doente. Mas no rosto de Giuseppe Corte espalhou-se uma expressão de puro pavor: o doente apercebia-se de que os clínicos dos últimos andares o tinham enganado; e eis que chegava agora este novo médico, certamente mais hábil e mais honesto, que no fundo — era evidente — o mandaria não para o sétimo, mas para o sexto, e talvez até para o quinto inferior! A desilusão, inesperada, arrasou Giuseppe Corte. Naquela noite a febre subiu consideravelmente.

A permanência no quarto andar significou para Giuseppe Corte o período mais tranquilo desde a sua entrada no hospital. O médico era uma pessoa extremamente simpática, afável e cordial; ficava muitas vezes — várias horas até — à conversa com ele sobre os mais variados assuntos. E Giuseppe Corte gostava de falar, procurando temas que lhe lembrassem a sua vida normal de advogado e de homem comum. Tentava convencer-se de que ainda pertencia à sociedade dos homens sãos, de estar ainda ligado ao mundo dos negócios, de se interessar por factos públicos. Tentava, sem conseguir. Era inevitável que a conversa acabasse por cair no tema da doença.

O desejo de uma melhoria tinha entretanto assumido uma dimensão obsessiva. Infelizmente, os raios digama, se tinham conseguido bloquear o alastramento do prurido, não foram suficientes para o eliminar. Todos os dias Giuseppe Corte considerava a questão com o médico e tentava mostrar-se forte, e até mesmo irónico, sem conseguir.

— Diga-me, Doutor — perguntou um dia. — Como está o processo de destruição das minhas células?

— Mas que maneira de falar! — ralhou o médico meio a brincar. — Onde é que aprendeu isso? Não fica bem, não fica bem, sobretudo a um doente, usar expressões desse género! Nunca mais quero ouvir isso de si.

— Está bem — protestou o Sr. Corte — mas acabou por não me responder.

— Ah, respondo já — disse afável o médico. — O processo de destruição das células, para repetir a sua horrível expressão, é, no seu caso, mínimo, absolutamente mínimo. Mas eu ousaria defini-lo como obstinado.

— Obstinado? Quer dizer crónico?

— Não me faça dizer o que eu não disse. Quero dizer apenas obstinado. E além disso acontece assim na maioria dos casos. Infecções ligeiras muitas vezes precisam de tratamentos longos e enérgicos.

— Mas diga, Doutor, para quando posso esperar melhoras?

— Quando? As previsões neste tipo de casos são muito difíceis... Mas ouça — acrescentou depois de uma pausa reflexiva — vejo que o senhor está com uma verdadeira obsessão... se o senhor não se zangasse comigo, eu dava-lhe um conselho...

— Diga, diga, Doutor...

— Bem, vou colocar a questão de forma clara: se eu tivesse esta doença, ainda que num grau extremamente ligeiro, e viesse parar a este sanatório, que é talvez o melhor que

existe, pediria espontaneamente que me destinassem, e já desde o primeiro dia, desde o primeiro dia, percebe?, a um dos andares mais baixos. Chegaria até a pedir para ir para o...

— Para o primeiro? — sugeriu o Sr. Corte com um sorriso forçado.

— Não, o primeiro andar não! — respondeu o médico com ironia. — Isso não! Mas com certeza para o terceiro, ou mesmo para o segundo. Nos andares mais baixos o tratamento faz-se de forma muito mais rigorosa, posso garantir, o equipamento é mais potente e completo, o corpo médico tem mais experiência. E além disso, sabe quem constitui a verdadeira alma deste hospital?

— Não é o Professor Dati?

— É precisamente o Professor Dati. É ele o inventor do tratamento que praticamos aqui, foi ele quem projectou todo o instituto. Pois ele, o mestre, está, digamos assim, entre o primeiro e o segundo andar. É daí que a sua força directiva irradia. Mas garanto-lhe que a sua influência não vai além do terceiro andar. Parece que a partir daí as suas ordens se fragilizam, perdem consistência, refractam-se. O coração do hospital está em baixo e é em baixo que é preciso estar para receber o melhor tratamento.

— Um momento — começou Giuseppe Corte numa voz tremida. — Está a dizer que me aconselha...

— E mais uma coisa — continuou impassível o médico. — Considere que no seu caso também é preciso ter cuidado com o prurido. Coisa sem importância, concordo, **81**

mas bastante maçadora, que com o passar do tempo pode corromper o “moral” — e sabe quanto conta para a recuperação a serenidade de espírito. As aplicações de raios que lhe fiz só tiveram resultados parciais. Porquê? Pode ser um acaso, mas também pode ser que os raios não sejam suficientemente intensos. No terceiro andar as máquinas dos raios são muito mais potentes. As probabilidades de curar o eczema seriam muito maiores. E depois, está a ver?, uma vez activado o restabelecimento, o passo mais difícil já foi dado. Quando se começa a subir, é muito difícil voltar atrás. Quando se sentir verdadeiramente melhor, nada o vai impedir de voltar para aqui ou para outro andar mais elevado, segundo o seu “mérito”, para o quinto, para o sexto, e ousa até dizer para o sétimo...

— E acha que isso pode acelerar o restabelecimento?

— Sem dúvida alguma! Já lhe disse o que faria se fosse eu o doente.

Todos os dias o médico tinha com Giuseppe Corte este tipo de conversa. Chegou por fim o momento em que o doente, cansado de sofrer por causa do eczema, apesar da instintiva relutância em descer para o reino dos casos cada vez mais graves, decidiu seguir o seu conselho e transferiu-se para o andar de baixo.

Notou imediatamente que no terceiro andar reinava uma alegria especial quer no médico, quer nas enfermeiras, embora ali se tratassem doentes muito preocupantes. Percebeu até que, de dia para dia, esta alegria aumentava:

**82** quando já se sentia à vontade com a en-

fermeira, Giuseppe Corte, curioso, perguntou-lhe porque é que naquele andar estavam todos tão contentes.

— Ah, o senhor não sabe? — respondeu a enfermeira. — Daqui a três dias começam as férias.

— Começam as férias?

— Sim, durante quinze dias o terceiro andar fecha e os funcionários vão passear. O descanso, por andar, é rotativo.

— E o que é que acontece aos doentes?

— Como são relativamente poucos, juntam-se dois andares num só.

— Como? Reúnem os doentes do terceiro e do quarto andar?

— Não, não — corrigiu a enfermeira. — Do terceiro e do segundo. Os que estão aqui deverão descer para o andar de baixo.

— Para o segundo andar? — disse Giuseppe Corte, pálido como um morto. — Eu vou ter de descer para o segundo?

— Claro. O que é que tem? Daqui a quinze dias, quando regressarmos, o senhor volta para este quarto. Não vejo razões para se assustar.

Mas Giuseppe Corte — avisado por um instinto misterioso — foi invadido pelo medo. Contudo, como não podia impedir o pessoal de gozar as suas férias, e convencido de que o novo tratamento com os raios lhe estava a fazer bem (o eczema tinha secado quase completamente), não teve coragem para se opor à nova transferência. Exigiu no entanto, provocando a ironia das enfermeiras, que na porta do seu novo quarto estivesse um cartaz com as palavras **83**

“Giuseppe Corte, do terceiro andar, de passagem”. Nunca tinha havido nada de semelhante na história do sanatório, mas os médicos não se opuseram, pensando que para uma personalidade nervosa como a do Sr. Corte a mais pequena contrariedade podia tornar-se pernicioso.

Tratava-se apenas de esperar quinze dias, nem mais, nem menos. Giuseppe Corte começou a contá-los com uma ânsia obstinada, permanecendo imóvel na cama durante horas, de olhos postos nos móveis, que no segundo andar já não eram tão alegres e modernos como nas secções superiores, mas ganhavam maiores dimensões e linhas mais solenes e severas. De vez em quando ficava à escuta, parecendo-lhe ouvir no andar de baixo — o andar dos moribundos, a secção dos “condenados” — vagos estertores de agonia.

Tudo isto naturalmente contribuía para o entristecer. E a menor serenidade parecia alimentar a doença, a febre tinha tendência para aumentar, o enfraquecimento apoderava-se do seu corpo. Pela janela — e estávamos já em pleno Verão, com os vidros sempre abertos — já não se viam os telhados nem as casas da cidade. Via-se apenas a muralha verde das árvores que circundavam o hospital.

Ao fim de sete dias, por volta das duas da tarde, entrou de repente o enfermeiro-chefe acompanhado por três enfermeiros que empurravam uma maca de hospital.

— Estamos prontos para a mudança? — perguntou num tom jocoso.

— Que mudança? interrogou com um fio de voz Giuseppe Corte. — Que brinca-

deira é esta agora? Os do terceiro andar não voltam só daqui a sete dias?

— Qual terceiro andar? — disse o enfermeiro-chefe como se não percebesse. — Recebi instruções para o levar para o primeiro, olhe — e mostrou-lhe um formulário de transferência para o andar de baixo assinado nada menos do que pelo próprio professor Dati.

O terror, a raiva infernal de Giuseppe Corte explodiram em longos gritos que ecoaram por toda a secção.

— Calma, calma, por favor — imploraram as enfermeiras. — Há doentes que não se sentem bem! — Mas nada era suficiente para o acalmar.

Por fim apareceu o médico que dirigia a secção, uma pessoa muito cordial e educada. Pediu explicações, olhou para o formulário, ouviu o Sr. Corte. Depois, zangado, virou-se para o enfermeiro-chefe e declarou que havia ali um engano, ele não tinha dado nenhuma ordem nesse sentido, que já há uns tempos havia uma confusão insuportável, ninguém lhe dizia nada... Enfim, dito o que tinha a dizer ao enfermeiro, dirigiu-se, num tom amigável, ao doente, pedindo-lhe imensa desculpa.

— Só que infelizmente — acrescentou o médico — infelizmente, o professor Dati, saiu há exactamente uma hora, para uns dias de licença, e só voltará depois de amanhã. Estou absolutamente desolado, mas as suas ordens não podem ser transgredidas. Ele vai ser o primeiro a arrepender-se, palavra de honra... Que erro! Não percebo como pode ter acontecido!

O corpo de Giuseppe Corte sacudia-se já num miserável tremor. Tinha perdido completamente o domínio de si. O terror prostrava-o como a uma criança. Os seus soluços ressoavam pelo quarto.

E foi assim que, através daquele engano terrível, chegou à última estação. Na secção dos moribundos, ele, que no fundo, segundo os médicos mais exigentes, tinha direito a ser colocado no sexto, ou até mesmo no sétimo andar! A situação era tão grotesca que em certos momentos Giuseppe Corte tinha quase vontade de rir à gargalhada.

Deitado na cama, enquanto a tarde quente de Verão passava lentamente sobre a cidade, olhava através da janela para o verde das árvores, com a impressão de ter chegado a um mundo irreal, feito de absurdas paredes de azulejos esterilizados, de gélidas antecâmaras mortuárias, de brancas figuras humanas esvaziadas de alma. Chegou a pensar que até as árvores que lhe parecia ver lá fora não eram verdadeiras: acabou por se convencer disso ao reparar que as folhas nunca se mexiam.

Esta ideia agitou-o de tal modo que se agarrou à campainha chamando a enfermeira e pediu que esta lhe desse os seus óculos de ver ao longe, que na cama não costumava usar; só assim conseguiu ter algum descanso: através das lentes conseguiu confirmar que se tratava de árvores reais e que as folhas, ainda que ao de leve, de vez em quando eram movidas pelo vento.

Quando a enfermeira saiu, passou um **86** quarto de hora de completo silêncio. Seis

andares, seis terríveis muralhas — ainda que por um erro formal — erguiam-se agora sobre Giuseppe Corte com um peso implacável. Quantos anos seriam precisos — sim, era preciso pensar em termos de anos — quantos anos para conseguir subir de novo até à beira daquele precipício?

E porque é que de repente o quarto se fazia tão escuro? Ainda estávamos a meio da tarde. Com um esforço imenso Giuseppe Corte, que se sentia paralisado por um estranho torpor, olhou para o relógio, na mesa de cabeceira, ao lado da cama. Eram três e meia. Virou a cabeça para o outro lado e viu que as persianas, obedecendo a um misterioso comando, desciam lentamente, e impediam a entrada da luz.



Mário de Carvalho **O celacanto**

**Mário de Carvalho**, nasceu em Lisboa, em 1944. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito de Lisboa. Exerceu advocacia em Lisboa durante alguns anos. É actualmente professor de escrita de argumento no departamento de Cinema do Conservatório.

Iniciou-se com a publicação de *Contos da Sétima Esfera* em 1981. Desde então tem publicado outros livros de contos, romances, crónicas e escrito para teatro e cinema.

Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde recebeu vários prémios, entre eles o Grande Prémio do Romance da A.P.E. Antes, *Quatrocentos Mil Sestércios*, seguido de *O Conde Jano* havia ganho o Grande Prémio do Conto.

Também das suas peças de teatro, todas levadas à cena, *Se Perguntarem Por Mim, Não Estou* foi escolhida pelo Júri do Grande Prémio de Teatro da A.P.E.

Acaba de publicar *Contos Vagabundos*, recolha de 20 anos de publicação avulsa. *O Celacanto*, conto exemplar da imaginação e descontraída maestria formal de Mário de Carvalho, foi escrito de propósito para a *Ficções*.

Eu não tinha o privilégio de saber o que era um celacanto nem vontade de confessar a Jacinta essa minha ignorância. Sentia-me muito ensonado e deixei-a falar, falar. Isto e a concentrar-me no fio telefónico anelado, suspenso da minha mão esquerda. Má invenção a dos fios espiralados, doidos de vida, que se enrodilham, mínimos e complicativos, ávidos de enovelar dedos incautos. Parece que praticaram em filmes de terror. O auscultador a rodopiar, e a chegar-me, sincopada, presente, ausente, presente, ausente, a voz célere de Jacinta. Perdi muitas das palavras dela, poupa-se-me o trabalho de as reproduzir. Interessava-me sustar o auscultador no ponto exacto em que ele desataria a girar ao contrário e a ensarilhar o fio ao invés, para, brusco, lhe impor uma flexibilidade doméstica, honrada. Eram nove horas, Sábado, eu ainda estava na cama e não me ocorria pronunciar-me sobre celacantos, fosse isso o que fosse. Li-

gando palavras e retalhos de frase, num raciocínio pouco rápido e menos hábil, cheguei à suspeição enevoada de que ela havia perdido um celacanto e quando voltei a encostar o auscultador ao ouvido, tranquilizei: «deixa lá, depois compras outro». Se fosse eu a perder um celacanto nunca mais sequer pensaria no assunto. O silêncio escuro que gelou o auscultador assinalou-me a reacção hostil, do lado de lá. Ainda balbuciei: «Jacinta! Jacinta!»! Mas desliguei, depois de ouvir um convicto sinal contínuo.

A minha relação com Jacinta havia esmorecido há meses, lentamente, sem drama, em distraída delonga, como um anoitecer suave. Fomos deixando de nos ver, esquecendo isto e aquilo. Jacinta era possuída dum excesso de energia e de vontade que, não raro, se tornava fastidioso. Conferia minuciosamente as contas do restaurante, levantava-se pela alba, tagarelava com a porta do elevador entreaberta, discutia com a vizinhança, e administrava ao mesmo tempo quatro ou cinco actividades muito embrulhadas. Eu era a quinta ou sexta. Fui deixando de aparecer e Jacinta não deu mostras de reparar nisso. Passou a telefonar-me, de vez em quando, muito espaçadamente, só para comunicar assuntos rebarbativos, como se eu me tivesse tornado numa espécie de consultor para sensaborias. Desta vez era o tal celacanto. Fiquei arrependido de ter cometido alguma falta, embora sem saber bem qual fosse. Insustentado e moengo, havia um sentimentozinho de culpa a zunir-me em qualquer lado.

**92** Mas, pouco tardou, vinha Jacinta de novo

ao telefone, na altura em que eu já ia em meia cara barbeada. Pensei: «estou aqui, estou a encher o bocal de creme de barbear». Meu dito, meu feito. Jacinta pôs-me ao corrente da situação, agora em voz pausada, muito tranquila, com insistentes “percebes?” intercalares, para se assegurar de que eu me não distraía. Foi abstracta, vaga, mas autoritária. Daí a nada, estava eu a encontrar-me com ela, num café à Escola Politécnica. O telefone ficou coberto de espuma branca, fervilhante e gordurosa. Não é que isso tenha importância. Mas irrita-me sobremaneira.

Foi breve nos cumprimentos, como se nos tivéramos encontrado ainda ontem e entrou logo na matéria, começando pelo respectivo contexto. Era agora sócia duma galeria de arte, muito ampla, generosamente estipendiada, que expunha “instalações” de jovens escultores. Mais tarde eu teria ocasião de ver as “instalações”. Um enorme pássaro de bico esponjoso, oscilante, que se embebia de um líquido viscoso a rasar um bidão amolgado, de obras. Um espantalho vestido de fraque no chão exhibia entre as palhas dos pulsos uma cartolina que dizia “Apressa-te”, em gótica. Um altifalante, entre risos de criança, debitava, cavernoso: “nem tanto, nem tanto”. E um tractor de brinquedo ia chocando com as paredes e os pés dos visitantes, até que se lhe acabassem as pilhas que um funcionário de camisola rodada substituía. Num canto, um enorme escorrega de madeira deslizava para uma roda ouriçada de lâminas, sempre a girar. Uma pantalha gigante mostrava uma cidade arreganhada de arranha-céus, com o Papa a sorrir, no canto

inferior esquerdo. Som de passarada e uma vizinha, a espaços: “guarda-te em casa”! Das outras “instalações” não quero lembrar-me agora.

“Pronto, um celacanto, e depois?” Eis uma significativa colher que redemoinha na chávena de café de Jacinta até mais o aquecer pelo atrito, dingalingue, e já está em brasa outra vez. «Não digas mais nada! Não te atrevas!» Era Jacinta agora, de colher em riste, apontada ao meu sobrolho. Havia um inquietante resplendor de beleza, naqueles olhos pretos, matadores, e na boca franzida em fúria. O instante valia bem um celacanto. Mais do que a ouvir, eu deliciava-me a olhar para ela. Nunca tinha apreciado, em melhores horas, estes tentadores momentos de cólera. E o celacanto, bem entendido, o que era?

Um peixe. Existe na Terra há mais de setenta milhões de anos, mas nunca demos por isso. Surgiu primeiro aos observadores em forma de fóssil, sumido e trabalhoso. Considerou-se extinto, lá para as funduras dos antedilúvios primordiais. Até que um dia se descobriram celacantos vivíssimos da costa a serem pescados no Canal de Moçambique. Iguazinhos aos fósseis, mas com mais energia. São desconformes, largos, pardos, feios e sofrivelmente comestíveis. Jacinta leu uma reportagem em qualquer lado e teimou que precisava de um celacanto para honrar a exposição. Questão de dias, achar contacto em Moçambique e negociar uma transferência do celacanto, em bojo de avião, num tanque especial com a inscrição “xarroco tropical”. Foi um negócio caro e escuro. Ao que parece, o celacanto está planetariamente protegido. Mas

o patrocinador da expedição, um construtor civil ligado ao futebol, e com interesses em África, achou graça à ideia. E assim, o “xarroco tropical” desembarcou no aeroporto de Lisboa, marchou num contentor até à Escola Politécnica e foi despejado num aquário com todos os requisitos. Passou a ser celacanto outra vez.

«E estava de boa saúde, o bicho?» — perguntei eu. «É melhor vires ver!», respondeu Jacinta. Eu protestei. Não queria ver peixes doentes. Jacinta derribou mais o sobrolho. «Anda daí». Era como faíscas a chisparem do corpo dela e um tornado em redor. Ala rua afora e eu atrás, com medo de a irritar mais.

A porta da galeria era de ferro grosso forjado, com mais arrobos do que um primeiro arremesso de Jacinta poderia suportar. Meti corpo a ajudá-la, muito embaraçada com as chaves, e, no interior, fui eu quem encontrou o interruptor da luz. A porta ficou aberta. Achei interessante aquele nervoso contacto de mãos e aquela cumplicidade de guerra. Mas Jacinta não estava, decididamente disposta a sentimentalices. Ainda as luzes fluorescentes se indeciam, naquele irritante vai não vai que lhes é próprio, já Jacinta se precipitava, quase correndo entre as “instalações”. Vestida de preto, a figura sobressaía elegantemente entre a brancura de luzes e de painéis. «Anda, anda depressa». Eu tinha ficado a olhar para um tanque de vidro esverdeado, cheio de águas, com tubos pretos a borbulhar e uma inscrição numa placa de madeira “celacanto”. O aquário estava vazio, mas Jacinta nem lhe deitara um olhar. Parou em frente duma **95**

porta, encostou-se a ela, braços afastados como se a quisesse proteger e disse-me, alto: «estás preparado?» Eu, cá por mim, estava por tudo. Mas ela não queria resguardar a porta. Era um arremesso de dramatização. Tanto que a abriu.

Clique de luz. Aquilo era um compartimento alto, interior, muito branco, com meia-dúzia de caixotes encostados à parede. Um vazio reflectido que fazia mal à vista. Jacinta olhava para cima, à procura de qualquer coisa. Mas eu sobressaltei-me com uma sombra lenta que se ia contorcendo pelo chão. Só depois encontrei o olhar de Jacinta e me apercebi da origem da sombra. Lá no alto, logo abaixo da lâmpada fluorescente, sereno e majestoso, de barbatanas peitorais em riste, vogava um grande peixe, do tamanho dum atum, dos grandes. A cauda parecia ter sido cortada e substituída por um rendilhado de escamas. A bocarra transversa, medonha, mantinha-se felizmente, fechada. «Aí o tens!» e Jacinta atirou o pulso ao alto, com o ar triunfante de *quod erat demonstrandum*. Quando eu lhe observei timidamente que os peixes não voam, ela respondeu, irónica, que os moscardos também não podem. Tirando o moscardo, a única vez que vi um bicho a voar sem ter com quê, foi uma cobra num livro de Lídia Jorge. Mas isso era ficção, a mesma autora não o nega. Agora aquele celacanto, ainda por cima grosso, feio e mandibulado... Jacinta desapoquentou-me. Ele era sossegado, não fazia mal, não apreciava humanos. Nem sequer nos olhava. Com efeito, o animal sustinha-se lá em cima, numa trajectória lenta, circular, as barbatanas a ondular ao

**96** de leve, os olhos postos na luz.

«Que é que eu faço, diz-me?», arrelaxava-se Jacinta. «Não sei», respondi eu, «talvez se chamasses alguém...!». «Mas porque é que pensas que eu te telefonei?» «Eu?» A meio do al-tercado porque tira e porque deixa que se se-guiu, Jacinta levou, de repente as mãos à boca e faltou-lhe a voz. Eu aproximei-me, inquieto, apaziguador, mas ela pronunciou, num soluço: «a porta!» Voltei-me e ainda distingui o rabo franjado do celacanto a sumir-se, rés ao canto superior direito da ombreira. Reagimos dema-siado tarde e, presumo, se tivéssemos reagido cedo, o resultado seria o mesmo. O celacanto atravessara o salão em dois tempos e esgueirara-se pela porta de saída para o sol da Rua da Escola Politécnica. E aí planava ele agora, luzidio, a observar com curiosidade um letreiro duma agência imobiliária.

Aos transeuntes importava mais, porven-tura, o nosso aspecto de par desinquietao, aos sal-tinhos, ora a afastar-se, ora a unir-se, que aquela figura de peixe que se deslocava lentamente nas alturas dos primeiros andares. É mais sedutor observar pelo canto do olho um casal ataba-lhoado, do que prestar atenção a um bicho pai-rador que pode muito bem ser um truque pu-blicitário. Houve um sujeito que fez pala com as mãos, em frente dos olhos, examinou o celacanto e, depois, prosseguindo marcha, nos informou, com ar de desdém: «é um xarroco gigante.» Ja-cinta teve esperança de que, agitando os braços, conseguiria convencer o animal a reentrar na ga-leria. Eu fiz de conta que não a conhecia, quando ela começou naquele preparo, e

embebi o espírito numa montra de calçado. Pelo reflexo, notei que o celacanto ia deslizando, devagar, pelos ares, com um esforço mínimo para evitar fios e tabuletas. Jacinta estava de novo junto de mim, aflita: «e se ele desce e é atropelado por um autocarro?» «Há celacanto para o jantar!» Mas o peixe já ia a virar para o Monte Olivete!

Chegámos esbaforidos ao cruzamento. O celacanto parecia à nossa espera, à altura de três ou quatro metros, do lado esquerdo da rua, cabeçorra encostada a uma janela. Não tinha uma figura elegante, mas apesar de pesadote e torto, balançava-se com uma lentura mansa, muito contida e aristocrática. Fiquei na esquina, em observação. Jacinta optou por descer a rua e desatar aos gritos, «Ei, ei!» E o celacanto, nada. Fui-me chegando, a olhar para cima, mas sempre fingindo que não conhecia Jacinta.

De súbito, podia esperar-se tudo menos isto: não é que as vidraças se abrem, repica delas um guarda-chuva enorme, daqueles que se usam nos campos, fecha e abre e fecha e abre, como um molusco das profundas e envolve o celacanto, que mal se debate? Jacinta e eu vimos umas contorções lentas e umas sacudidelas inconvicatas, entre o drapejar de panos do guarda-chuva e depois foi uma recolha sugada, janela dentro e a vidraça fechada com estrondo. Interroguei Jacinta com o olhar, porque a fala não podia. E ela, plantada no passeio, com os punhos nas ancas, bramiu: «Isto não fica assim!»

Eu, por mim, dava a jornada por terminada e o celacanto por bem entregue, mas

Jacinta arrastava-me pelo braço: queria apresentar participação na polícia. «Escuta, pára e ouve-me bem. Vais queixar-te de que um peixe entrou por uma janela, a voar...?» «Entrou? Qual entrou? Tu sempre a simplificar. Foi roubado. Eu bem vi o truque do guarda-chuva». Enquanto, a largas pernas, percorríamos a Escola Politécnica em direcção à Esquadra do Rato, eu procurava demover Jacinta de recorrer à autoridade. Não via ela que nem o polícia mais arguto e letrado de Lisboa estaria disposto a admitir um celacanto voador capturado nas alturas do Monte Olivete? «Eles dão-te um calmante, eles chamam a ambulância, eles internam-te, vais de camisa de forças!» «Eu sei o que faço», respondia-me ela, e sempre a andar.

Furou pela esquadra dentro, não ligou ao agente de serviço, foi direita ao comissário. Eu já tinha preparado uma justificação na ponta da língua: «aqui a minha amiga anda muito nervosa, excesso de trabalho, dá-lhe para ver coisas, desculpem lá, ela precisa é de repousar, eu levo-a, eu levo-a». Mas Jacinta, muito calma declarava, alto e bom som, que um jovem lhe tinha roubado por esticão um fio de ouro e depois se havia barricado num primeiro andar da Rua do Monte Olivete, insensível a protestos. E eu, que me encontrava ali por acaso, e tudo minuciosamente presenciara, podia ser arrolado como testemunha. Correram autos e pormenores. Mas, daí a pouco, derivávamos ambos no banco de trás dum carro de polícia, ziguezagueando, com a sirene ligada, a caminho do desconhecido. Susurrei a medo, confiante em que a sirene

me cobrisse as palavras: «sabes em que é que te meteste? Denuncia caluniosa! É sinistro, devastador» «Estou-me marimbando», respondeu Jacinta, «estes é como se andassem a pisar ovos. Carregue-lhe no prego, ó senhor guarda!» E fizeram-lhe a vontade.

Numas escadas melancólicas, acudiu à porta um velho magríssimo, em pijama, de ar amolecido, dobrado, chorincas. Pela fresta entreaberta, os polícias e nós podíamos distinguir uma velhota de xaile de lã e uma rapariga sombria, sentadas a uma mesa. A mobília era pobre, desconforme, gasta por muitos tempos. Um dos agentes perguntou onde é que estava o rapaz. O velho ficou-se, a olhar, sem atinar com o que dizer. Jacinta entrou de rompante, antes que o agente inquirisse, formalmente se estávamos autorizados.

Era desconsolador, invadirmos assim aquela sala pobre e sentir o desconforto e o pasmo dos inquilinos. Mas Jacinta não estava sensível a misérias. Reparou logo no desmesurado guarda-chuva, encostado a um dos lados do aparador. Apontou e fez-me um sorriso triunfal. E ainda o agente da autoridade indagava dos timoratos inquilinos se havia entrado ali um rapaz portador dum alheio fio de ouro, quando ela bradou: «Olha! O celacanto». A cabeçorra achatada do peixe espreitava, acima da sanefa de veludo antigo, cor de burro quando fuge. Ao grito de Jacinta estremeceram convulsos os panos, expeliram poeiras e, num impulso, o celacanto debateu-se e lá veio plantar-se preguiçosamente ao lado do candeeiro de pingentes. Foi com o guarda-chuva que, muito bélica, Jacinta o empurrou dali para fora e escada abaixo. E, desta vez, pela pressa com que escapava, o celacanto parecia assustado.

Mais assustado fiquei eu que, ali mesmo, tive  
**100** de dar embrulhadas explicações à polícia e pedir

desculpas aos moradores. A autoridade não estava muito interessada no peixe, mas achava tudo aquilo um tanto esquisito e, porventura, profanador da legalidade. Procurei tranquilizá-los. Expliquei que a minha amiga era veterinária e estava a fazer uma experiência científica, aliás confidencial. Ainda assim, fui identificado e convidado a passar pela esquadra no dia seguinte. Os polícias saíram desconfiados, deitando-me olhares de revés. Mas tive oportunidade de rosnar para o velho chorincas quando ele ia a fechar a porta: «Com que então a roubar celacantos, hem? Livrem-se.» Lá fora ululou a sirene da polícia e foi-se perdendo, por Lisboa.

Ainda alcancei Jacinta na Rua da Escola Politécnica, em galope suado, brandindo o guarda-chuva e pastoreando o celacanto que deslizava rápido, por sacões, aparentemente com medo da ponta do artefacto. «Só agora?», disse-me Jacinta ofegante, «quando preciso de ti é que tu não apareces», e seguia correndo e eu com ela. O celacanto, de barbatanas a dar e dar, rabo coleante pelos ares fora, e nós a animá-lo.

Mas o momento crítico, em que ele podia endireitar para o largo do Rato e obrigar a grandes rasgos de esforço e de imaginação, foi surpreendentemente superado. Apesar da propecta idade da espécie, muitas vezes pré-histórica, pareciam ter-se insinuado nestes peixes instintos semelhantes aos de certos animais domésticos, como os gatos, os cães, os cavalos, os pombos e as andorinhas que, pelo sim pelo não, acabam sempre por voltar a casa. E assim, o celacanto, ao chegar junto à galeria entrou, decidido, porta adentro, raspando desajeitadamente a ombreira, que ficou com brilho de escamas. Rugido triunfal de Jacinta que fechou as feragens com estrondo. Depois, voltou-se para mim e atirou-me, entredentes: «Tu não me apareças **101**

mais, ouviste? Põe-te na alheta». Ainda fiz uns trejeitos de protesto, mas, cá no fundo, estava mortinho por me ir embora, e fui, a remoer a injustiça do despedimento.

Ah, mas a curiosidade é defeito humano, traíçoeiro e molesto. Jacinta não me atendia os telefonemas e, dias depois, eu fui à exposição para saber novas dela e, calhando, do celacanto. A inauguração tinha sido na véspera, havia meia-dúzia de passeantes distraídos e uma mãe com uma criança que reclamava um gelado. Eu ia escondendo a cara com um jornal, mas não valia a pena, porque Jacinta não estava. Lá vi o passarão gigante, o escorrega, outras “instalações” e, de súbito, reparo que uma das paredes tinha agora um vidro com caixilho. Fui espreitar. Era um cubículo vazio, muito iluminado. Adejando, de boca encostada a um dos tabiques, barbatanas dolentes a ondear, deslizava, lento e gordo, o celacanto. Não sei se me reconheceu, mas o facto é que, repentino, descreveu uma elipse festiva ao redor do recinto

Recuei e atentei na inscrição, em acrílico, que informava debaixo do caixilho: “Celacanto Livre — Instalação de Jacinta Dalila”. Seguiam-se notas biográficas.

José Eduardo Agualusa · **O homem da luz**

**José Eduardo Agualusa** nasceu na cidade do Humambo, em Angola, a 13 de Dezembro de 1960. Estudou Agronomia e Silvicultura em Lisboa. Jornalista, assina uma crónica no magazine de Domingo do jornal Público, de Lisboa. Realiza um programa de música africana para a RDP-África, transmitido para Lisboa e países africanos de língua portuguesa. Viveu em Luanda, Lisboa e Rio de Janeiro. Reside actualmente em Berlim, beneficiando de uma bolsa de criação literária do DAAD para o ano 2001. Publicou nove livros, entre os quais Estação das Chuvas (1997), Um Estranho em Goa (2000) e Nação Crioula (1998), com o apoio do Centro Nacional de Cultura, traduzido para alemão, inglês, espanhol, catalão e flamengo, tendo sido também publicado no Brasil. O Homem da Luz foi escrito para a Ficções.

*Para o Miguel Petchkovsky e Paula Tavares*

Nicolau Alicerces Peshkov tinha uma cabeça enorme, ou talvez o corpo fosse mirrado para ela, o certo é que parecia colocada por engano num físico alheio. O cabelo, o que restava, era daninho e ruivo e o rosto coberto de sardas. O nome improvável, a fisionomia ainda mais extraordinária, tudo isso se devia à passagem pelas terras altas do Huambo de um russo extraviado, um russo branco, que nos seus delírios alcoólicos se vangloriava de ter servido Nicolau II como oficial de cavalaria. Além do nome e das sardas Nicolau Alicerces Peshkov herdara do pai a paixão pelo cinema e uma velha máquina de projectar. Foi precisamente o nome, as sardas, a máquina de projectar, digamos pois, a herança russa, que quase o levou a enfrentar um pelotão de fuzilamento.

Antes disso havia passado dois dias e uma noite escondido dentro de uma caixa de peixe seco. Acordara sobressaltado com o latido dos tiros. Não sabia onde estava. Isso acontecia-lhe sempre. Sentou-se na cama e procurou lembrar-se, enquanto o tiroteio crescia lá fora: chegara ao entardecer, pedalando na sua velha bicicleta, alugara um quarto na pensão de um português, despedira o miúdo James, que tinha família na vila, e fora-se deitar. O quarto era pequeno. Uma cama de ferro com uma tábua por cima e sem colchão. Um lençol, limpo mas muito usado, puído, a cobrir a tábua. Um penico de esmalte. Nas paredes alguém pintara um anjo azul. Era um bom desenho, aquele. O anjo olhava-o de frente, olhava para alguma coisa que não estava ali, com o mesmo alheamento luminoso e sem esperança de Marlene Dietrich.

Nicolau Alicerces Peshkov, a quem os mucubais chamavam o Homem da Luz, abriu a janela do seu quarto para se inteirar das razões da guerra. Espreitou para fora e viu que ao longo de toda a rua se agitava uma turba armada, militares alguns, a maioria jovens civis com fitinhas vermelhas amarradas na cabeça. Um dos jovens apontou-o aos gritos e logo outro fez fogo na sua direcção. Nicolau ainda não sabia que guerra era aquela mas compreendeu que, qualquer que fosse, estava do lado errado — ele era o índio, ali, e não tinha sequer um javite (machadinha) para se defender. Saiu do quarto, em cuecas, entrou pela cozinha, abriu uma porta e encontrou um quintalão estreito, fechado ao fundo

**106** por um alto muro de adobe. Conseguiu sal-

tar o muro, trepando por uma mangueira esquelada, que crescia ao lado, e achou-se num outro quintal, este mais ancho, mais desamparado, junto a uma barraca de pau a pique que parecia servir de arrecadação. Pensou em James Dean. O que faria o garoto naquela situação? Certamente saberia o que fazer, James era um especialista em fugas. Viu um tanque de lavar roupa, com água até cima, coberto por uma lona. James Dean entraria para dentro do tanque, e ficaria ali, o tempo que fosse necessário, à espera que lhe nascessem escamas. Ele, porém, não cabia naquela prisão. O corpo até se encaixava mas não a cabeça. Estava neste desespero, podia ouvir a turba a aproximar-se, quando deu com a caixa de peixe. O cheiro era pavoroso, um odor forte a mares putrefactos, mas tinha o espaço exacto para um homem agachado. Assim meteu-se dentro da caixa e aguardou.

Espreitando por uma fresta viu chegar a malta das fitinhas. Arrastavam pelo pescoço, empurravam, faziam avançar a pontapé e à coronhada, cinco pobres tipos cuja única culpa, aparentemente, era falarem umbundo. Deitaram os homens de costas e recomeçaram a bater-lhes, com as armas, com os cintos, com grossos paus, gritando que aquilo era apenas o matabicho. Uma mulher apareceu pouco depois segurando uma pistola, afastou os agressores com um simples olhar, encostou a arma à nuca de um dos desgraçados e disparou. A seguir fez o mesmo com os outros quatro. Trouxeram a seguir dois rapazes e quatro senhoras, uma delas com um filho pequeno às costas, todos chorando e **107**

lamentando-se muito. Ao verem os cadáveres a gritaria aumentou. Um dos soldados destravou a arma: «Quem chorar os mortos morre também.»

Os outros começaram a espancar o grupo, não poupando sequer a criança, ao mesmo tempo que um sujeito com uma câmara de filmar dançava em redor.

Nicolau Alicerces Peshkov afastou o rosto da fresta e fechou os olhos. Não lhe valeu de nada: mesmo com os olhos fechados viu dois dos jovens com fitinhas violarem uma das senhoras; viu-os matarem a criança, à coronhada, e o resto do grupo a tiro e pontapés.

Saiu da caixa ao entardecer do dia seguinte. Estava tão exausto, era tal o tumulto no seu peito franzino, que não se apercebeu do militar, ali mesmo, sentado junto à caixa, vigiando os cadáveres. O homem olhou-o surpreso, alegre como um garoto que tivesse acabado de achar um brinde dentro de um bolo-rei, e conduziu-o pela mão ao quartel da polícia. À entrada um homem muito alto, magro, de barba cerrada, parecia esperar por eles. Levaram-no até uma sala sem janelas, fizeram-no sentar-se numa cadeira. O homem alto perguntou-lhe o nome. «Peshkov? Nicolau Peshkov?! O camarada é russo? Calha bem. Eu estudei em Moscovo, na Lubianka, falo russo melhor do que português.»

E desatou numa algaraviada hermética que pareceu divertir toda a gente. Nicolau Peshkov riu-se também, vendo os outros rir, mas apenas

por uma questão de cortesia, porque o que

**108** realmente lhe fazia falta era chorar.

O homem alto ficou bruscamente sério. Apontou para uma maleta de couro sobre a sua secretária:

«Conhece isto?»

Nicolau Peshkov reconheceu a mala onde guardava o projector e os filmes. Explicou quem era. Há quarenta anos que percorria o país com aquela máquina. Orgulhava-se de ter levado a sétima arte aos desvãos mais longínquos de Angola — lugares esquecidos pelo resto do mundo. Na época colonial viajava de comboio. Benguela, Ganda, Chianga, Lépi, Catchiungo, Chinguar, Cutato, Catabola, Camacupa, Munhango, Luená. Onde o comboio parava ele saía. Estendia a tela, colocava o projector sobre o tripé, armava meia-dúzia de cadeiras de lona para os notáveis da vila. O povo, esse, vinha de muito longe, dos sertões em redor, de lugares com nomes secretos, inclusive de lugares sem nome algum. Ofereciam-lhe cabras, galinhas, ovos, carne de caça. Sentavam-se do outro lado da tela, contra a luz do projector, e viam o filme pelo avesso.

A guerra após a independência destruiu o caminho de ferro e ele ficou amarrado às cercanias das grandes cidades. Perdeu em pouco tempo tudo quanto havia conseguido nos vinte anos anteriores. Fixou-se no Sul. Viajava de bicicleta, com o seu ajudante, o jovem James Dean, entre o Lubango e a Humpata, entre a Huíla e a Chibia. Por vezes arriscava descer a Moçâmedes. Talvez Porto Alexandre. Baía dos Tigres. Não saía dali. Levava um lençol branco, prendia-o à parede de uma cubata, qualquer parede servia, preparava o projector e passava o filme. Ja- **109**

mes Dean pedalava a sessão inteira para produzir a electricidade. Numa noite serena, sem lua, não havia melhor sala de cinema.

O homem alto ouviu-o com interesse. Tomou notas.

«Pode provar que é efectivamente o cidadão que pretende ser?»

Provar? Nicolau Peshkov tirou do bolso da camisa um papel amarelado e desdobrou-o cuidadosamente. Era um recorte do Jornal de Angola. Uma entrevista publicada cinco anos antes: *O Último Herói do Cinema*. Na fotografia, a preto e branco, Nicolau Alicerces Peshkov posava ao lado da sua bicicleta, as mãos no guiador, a enorme cabeça ligeiramente fora de foco.

O homem alto agarrou no recorte, voltou-o, e começou a ler um artigo qualquer sobre a importação de farinha de bombó. «Não é esse, chefe, não é esse», gemeu Nicolau Peshkov, «leia por favor a reportagem que está do outro lado. Veja a fotografia. Sou eu». O homem alto olhou-o com desdém:

«Camarada Peshkov, você, um sujeito que ignora a língua paterna, é você que me diz o que devo ou não devo ler?!»

Leu o artigo até ao fim. Até ao fim, não, porque o artigo estava cortado a meio.

«Onde está o resto desse artigo?»

Nicolau Alicerces Peshkov falou devagar:

«Chefe, não é esse o artigo. O artigo que interessa, através do qual posso provar que sou de facto a minha própria pessoa, esse artigo está do outro lado».

**110** O homem alto perdeu a paciência:

«Porra! Pensas que aqui somos todos burros?! Estou a perguntar onde está o resto deste artigo. Se você não responder eu lhe mando fuzilar por ocultar informação. Vou contar até dez».

Talvez ele não saiba contar até dez — pensou Nicolau Peshkov. Infelizmente sabia. Contou até dez, pausadamente, e depois girou a cadeira e ficou um longo momento a olhar a parede. Voltou-se, abriu a maleta que estava sobre a secretária e retirou o projector.

«Mostra-nos lá o filme, fantoche. Quero saber o que andaste a filmar. Objectivos militares, está-se mesmo a ver».

Nicolau Peshkov pediu um lençol limpo, um martelo e pregos. Esticou o lençol e pregou-o à parede. Montou o projector sobre uma cadeira. Não disse nada. Tinha aprendido muito nas últimas horas. O filme era, de alguma forma, obra sua. O trabalho de uma vida. Montara-o, quase fotograma a fotograma, recorrendo ao que sobrara dos filmes do pai. Pediu que apagassem a luz. Um dos soldados subiu para um banco e desenroscou com cuidado a lâmpada do tecto.

Peshkov ligou a máquina à corrente e uma luz puríssima caiu sobre o lençol. Na primeira cena via-se uma família a ser atacada por pássaros dentro da sua própria casa. O episódio impressionou muito os assistentes (impressionava sempre). O homem alto falou por todos: “Já viram?! Passarinhos tipo mabecos”. A seguir apareceu um velho empoleirado sobre um telhado a tocar violino. “É para enxotar os pássaros”, concluiu um dos guardas, “esse cota **111**

é feiticeiro”. Viu-se ainda um caubói a beijar a namorada em frente a uma cascata. Finalmente um homem de olhos tristes, chapéu na cabeça, despediu-se de um casal num aeroporto. Quando o casal embarcou apareceu um outro sujeito com uma pistola, mas o tipo do chapéu foi mais rápido e deu-lhe um tiro. O casal devia estar ainda a fugir dos pássaros. The End.

A luz do projector tremeu, apagou-se, e fez-se um grande silêncio. Finalmente o homem alto levantou-se, subiu para o banco, e voltou a enroscar a lâmpada da sala. Suspirou.

«Você pode ir Peshkov. Desapareça. O filme fica».

Nicolau Alicerces Peshkov saiu para a rua. Uma lua imensa brilhava sobre o mar. Puxou um pente do bolso traseiro das calças e alisou com ele os seus últimos cabelos ruivos. Endireitou as costas e foi à procura de James Dean. O miúdo saberia o que fazer.

Mendes A. **As cartas**

**Mendes A.** nasceu em Lisboa, em Novembro de 1951. É bacharel em Gestão de Recursos Humanos. Colaborou, entre 92 e 95, no "Ecos de Grândola" com crónicas "em dois tons". Viu o conto Um horizonte denso e baço (1ª versão de um 1º prémio) publicado no Boletim da Casa de Pessoal da RTP (1994).

Se a pedido da governanta do músico do primeiro andar escrevo cartas a anjos da guarda a saber onde param os pecados absolvidos há mais de quarenta anos, porque segundo os seus temores, os terá vislumbrado nos modos e nos ditos de pessoas que se lhe atravessam na vida, e outras a implorar aos doutores da igreja o consentimento e a inspiração bastante para ditar as palavras que uma vez tocadas pela graça de serem entendidas como uma redenção possam vir a garantir aos pecadores anteriores ao tempo de deus a visão do paraíso prometido aos vivos da nossa era...

Se a pedido da governanta do músico do primeiro andar tenho escrito isto e outras conversas com defuntos à procura de vivos, agora que cheguei à idade de nove anos porque não recordar nesta folha arrancada ao caderno a pergunta que todas as noites adormece depois de mim:

mãe, muito me custa afrontar os pensamentos que tem a respeito do que preciso saber desde que dei conta da falta que ele me faz, quando me chamam órfão do céu e outros nomes que não digo por vergonha e porque ainda não tenho estatura para esmurrar os risos de quem me goza.

por isso, aos retratos estampados junto o desejo de

saber qual deles é meu pai: se o do meio a quem chamam deus, se o da direita que dizem ser jesus ou então aquele a que dão pelo nome de espírito santo.

Na manhã seguinte, quando entrei na cozinha, a mãe veio ao meu encontro a gritar com os papéis na mão, olha lá miúdo, que conversa é esta? estou a ver de quem partiu a recomendação e o responso, da velha lá de cima, não é verdade? A mãe cerrou os olhos e chamou-lhe alcoviteira, depois ergueu os braços para o armário dos pratos e suspirou.

a farinha amparo e os frascos de sangue de cavalo, que me custam os olhos da cara (bem umas trinta camisas costuradas), não chegam para te mostrar quem melhor do que eu desempenha as vezes de um pai?

se está a dizer que o pai não é nenhum desses nomes que estão nos desenhos, então é porque morreu também.

para quem está sempre a falar dele, que diferença faz estar morto ou vivo?

ter um pai no pensamento não é o mesmo que o ter aqui em carne e osso a entrar e a sair da sala de costura e a tratar-me pelo nome enquanto destranca a porta da capoeira ali no quintal ou a serrar umas tábuas para me ajudar a fazer uma galena, a caixa que repete as músicas que o vizinho toca no teatro... o pai não existe por vontade sua, é o que é...

levas já um estalo para não me obrigares a falar o que não devo. e agora penteia-me esse cabelo e toca andar, tenho mais que fazer.

Nesse dia faltei à escola.

Para seguir a imaginação de o encontrar desci a rua que me afastasse da sombra do convento, ela acompanhava-me até ao largo que troquei pela travessa que subi atrás de vozes que carregavam sacos de café para a camioneta azul donde saiu um gato a correr para o olhar da vizinha do rés esquerdo que me acenou do lado de dentro da montra da mercearia a que me encostara a mastigar em seco a cor da

**116** castanha pilada.

o que anda este pobre diabo a esta hora do dia a fazer para estes lados? passa o santo dia a falar do pai e o garoto até se parece com ele. . .

Não é que eu ouça o que ela diz, mas a piedade com que me oferece um pacote de bolachas leva-me a correr para o divã encostado à máquina de costura da mãe, onde durmo quando a vizinha não está lá sentada a tirar alinhavos ou a fazer ponto cruz, ajuda a minha mãe que ganha à peça, e quantas mais entregar mais dinheiro traz para casa, e uma pessoa sozinha a ganhar para pagar a renda a hortaliça as roupas e lãs para meias, toda a ajuda é bem vinda, agradece a mãe, pesarosa com dores nas costas e nos braços, um dia destes compro um pedal eléctrico. . .

disfarçou, porque estavam a falar do homem do fato escuro e chapéu de feltro, gabardina dobrada no braço, que tinha o costume de a visitar a meio da noite, conversavam no quarto a tossir e a soluçar, às vezes arrastavam a cama ou a cadeira, depois vinha para o corredor ameaçar as súplicas da mãe.

isso depende de ti, ou colaboras ou tiro-te o trabalho, uma palavrinha ao capitão do casão militar e fazes cruces na boca, agora pela última vez responde: o gajo deu sinais de vida, apareceu por aí, mandou algum bilhete a marcar encontro e onde se viram, o gajo vem disfarçado e por que nome responde. . .

a mãe entre dentes respondia que sabia o que o senhor doutor quer que eu saiba: que o tinham enviado para a terra nova num desses bacalhoeiros do tenreiro para se tratar da memória que tem da nação. . . que os pais dele tinham sido encafuados numa roça de são tomé. . .

Não é que eu tivesse ouvido o que a mãe disse, mas ao sentar-me nas escadas do chafariz vejo nos assobios das gaviotas e nos voos dos pombos contra as janelas cerradas do casarão do marquês a penitência a que se devotou um povo desde que teve de pegar em armas para salvar

os seus semelhantes de serem mortos em terras **117**

africanas por gente que ainda não alcançou a graça de ser considerada humana... ditou a governanta do músico do primeiro andar para a carta ao papa, a quem tratava por meu amado.

e a mando do seu olhar escrevi ainda:

pois se sois também deus na terra é chegada a hora de serdes também misericordioso com levantar tal castigo, sobretudo ao vizinho, que regressado de quarenta meses no mato a combater o medo de morrer e a vontade de matar, nunca mais soube fazer outra coisa que não repudiar a pena e o orgulho dos olhares dos pais e dos vizinhos, que nada sabiam do seu sofrimento, a não ser quando a altas horas da noite ele gritava pela madrinha de guerra, moça que cruzava a rua a correr o xaile pelas costas, a quem confiara a sua revolta e a sua paixão em cartas guardadas no saco de plástico e que foram confiscadas pela polícia secreta na noite em que ele atacou a própria vida à vista de quem nunca se dera conta de que a morte está em toda a parte, até na vossa bondade, meu amado papa, quando falais da morte de cristo como exemplo a seguir.

meu amado papa fazei desta carta a oração capaz de o localizar na culpa de cada um de nós e concedei-lhe o perdão ainda que esse gesto contrarie a ideia do pecado original e os poderes que nele eternizam a confiança na vossa fé... lograi que ele regresse à nossa companhia.

e sendo milagre o que vos peço, então que o anuncieis pela pomba que habita a consciência dos céus e pouse no parapeito da janela, que doravante permanecerá aberta...

a vossa bênção esteja no meio de nós...

... não sei ao certo em que parte da cidade me encontro nestas cartas. mas é no espanto do meu desaparecimento que eu estou mais perto do pai, não chores mãe.

José Luís Peixoto **O cadáver de James Joyce**

**José Luís Peixoto** nasceu em Setembro de 1974, em Galveias, concelho de Ponte de Sôr, distrito de Portalegre. Durante vários anos, publicou poesia e prosa no suplemento do Diário de Notícias, DN Jovem. Publicou vários conjuntos de poemas em plaquetes, nomeadamente nos Cadernos Átis de poesia. Teve o prémio “Jovens Criadores” do IPJ nos anos de 1997, 1998 e 2000. Em 2000 publicou *Morreste-me* e *Nenhum Olhar*. Faz crítica literária no suplemento *Mil Folhas*, do jornal Público, e na revista *Livros*. Colabora com as revistas *DNA* e *Grande Reportagem*.

Quando acabei de escrever o meu primeiro romance, fechei-me em casa durante duas semanas. Nesse tempo fechado do mundo, vivi cada olhar de cada personagem, cada esperança, cada angústia. Na altura, era muito novo. Creio que se o tivesse feito hoje, me teria suicidado no último dia dessas duas semanas, como desfecho lógico. A lógica, o absurdo da lógica e a lógica precisa, milimétrica, do absurdo são para mim assuntos que me absorvem, como se fossem, de facto, a primeira regra da minha vida. Mas, como disse, era muito novo, e esse pânico não tinha ainda atingido as dimensões actuais que, juntamente com outros pânicos e cansaços, acabarão por ser o meu fim. Nesse tempo, eu era o único leitor de mim próprio e ninguém esperava nada das minhas palavras. A vida era menos difícil, portanto. Eu considerava-me um grande escritor desconhecido e era quase feliz, porque fechava os olhos a muitas coisas.

No primeiro dia em que saí à rua, depois dessas semanas, trazia ainda no olhar o olhar das personagens e passei-me por Lisboa, como se não conhecesse Lisboa, como se me admirasse com tudo.

As horas dessa tarde muito fria de Janeiro passaram e eu passei com elas. Aos poucos, deixei de ser as personagens para ser o narrador: uma voz maior que eu, uma voz que tinha surgido no romance como uma voz da terra. Descrevi, para mim próprio, as paredes, os pombos a andarem devagar no chão, como se todos os pombos fossem uma criatura maior que se amontoa e se estilhaça. Descrevi, para mim próprio, as pessoas a olharem-me e imaginei o que elas imaginavam de mim. Mas também aos poucos, o narrador saiu de mim, talvez assustado com o ridículo de ser um narrador a descrever mentiras dentro de uma pessoa, e voltei a ser o que sou: qualquer coisa absurda que procura uma lógica impossível e que se chama Zé Luís. No entanto, depois de duas semanas a observar palavras, depois de um ano a desenterrar palavras, eu era alguém que só podia fazer coisas grandiosas. Só essa ideia me parecia lógica. Entrei numa livraria do Chiado. Vi-me a entrar na livraria e imaginei: José Luís Peixoto entra numa livraria, onde ainda se ignora a importância das suas palavras. Creio que o narrador ainda devia andar dentro de mim, escondido em algum canto escuro.

Não sei como explicar. Tirei um exemplar do *Ulisses* da prateleira e comecei a ler. Nunca o tinha lido todo. Ainda não li. Não acredito que alguma vez o vá ler todo. No entanto, tirei um exemplar da prateleira e li dois parágrafos. Gostava de escrever assim. O efeito que aquela breve leitura teve em mim foi inesperado. Instantaneamente, lembrei-me de ter lido, havia alguns anos, numa enciclopédia da minha irmã, que o James Joyce estava enterrado em Zurique. Lembrei-me também que, na altura tinha acabado de ler *The Dubliners* e que senti algo de revolta. Na livraria, sem que os meus olhos vissem a livraria, imaginei-me, secretamente, um herói. Eu tinha escrito um dos maiores romances da história da literatura. Eu só podia fazer coisas

Em casa, guardei duas camisolas dentro de uma mochila e saí. Tinha dinheiro e fui para Santa Apolónia. Comprei um bilhete para Zurique. Não sabia que se podia ir para Zurique de comboio, mas fui informado que o Sud-Express ia sair dentro de poucos minutos e que, assim que chegasse a França, devia mudar de comboio. Fui todo o caminho de pé no corredor. Assustava-me a ideia de não me conseguir controlar e de poder contar o meu plano a qualquer emigrante de Paris ou a qualquer francês que andasse a fazer um inter-rail e que partilhasse comigo o vagão. Fui sempre a olhar pela janela e, interrompido de vez em quando por revisores, pensei sempre que ia chegar a Zurique e que ia desenterrar o corpo do James Joyce e que ia levá-lo para Dublin. Donde nunca devia ter saído. Troquei de comboio e cheguei a Zurique.

O dia estava a acabar. Telefonei à minha mãe e disse-lhe que estava no Rossio. Estava num telefone público da Suíça. Tenho uma licenciatura em alemão. Tenho uma diploma carimbado que garante que sou licenciado em alemão. Debaixo do carimbo, falta dizer que foram quatro anos de cábulas e de ajudas por parte de alguns colegas mais caridosos. Mas, mesmo assim, o meu alemão básico chegou-me para alugar um quarto numa pensão pequena, pequena, minúscula, mesmo ao lado do cemitério. A senhora da recepção, com as mãos sobre os papéis de registo, virou os óculos na ponta do nariz quando lhe disse que fazia questão de ficar no quarto ínfimo, que tinha uma janela do tamanho de um isqueiro com vista para o cemitério. Pousei a mochila na única cadeira que cabia entre a cama e a parede, e passei a noite, de joelhos sobre a cama, a espreitar para o negro do cemitério: o branco das campas desenhado no negro, as formas das árvores esculpidas no negro.

Quando o sol nasceu, tinha as pernas dormentes. Desci para o pequeno-almoço: tor- **123**

radas e café com leite que a senhora da recepção me serviu contrariada. Comi devagar. Não tenho apetite de manhã. Esperei três cigarros até que abrissem o portão do cemitério. Eu e duas velhas fomos as primeiras pessoas a entrar. Tentei procurar a campa sozinho, mas perdi-me. Encontrei uma das velhas a trocar flores murchas de uma jarra e perguntei-lhe. James Joyce? Nunca ouvi falar. Não lhe expliquei. Há coisas que não vale a pena tentar explicar. Andei toda a manhã, às voltas no cemitério, a olhar para nomes, a olhar para datas. Por fim, era já hora de almoço, estava com fome e com frio, encontrei a campa do James Joyce. Estava abandonada. Nenhuma velha lhe ia trocar as flores murchas, não tinha flores. Tinha musgo à volta das letras. James Joyce escrito a musgo.

Voltei à pensão. A senhora da recepção assustou-se com a minha chegada. Assustou-se ainda mais quando lhe perguntei pelo almoço. Pão, duas salsichas fritas e dois ovos estrelados pela senhora da recepção com um avental de folhos. Saí para ir comprar uma picareta e uma pá. Tive que apontá-las com o dedo. Não sei dizer picareta em alemão. Fui para o meu quarto dormir e sonhar. Acordei a meio da noite. Acordei logo totalmente desperto, como se não tivesse acordado, como se não tivesse dormido. Agarrei a picareta, a pá e a mochila. Saí do quarto sem fazer barulho. Na rua, vesti as duas camisolas que trazia na mochila. Estava muito frio. Subi para cima de um Mercedes que estava estacionado e saltei o muro do cemitério. Procurei o caminho que conhecia e fui directo à campa do James Joyce. Enfiei a ponta da picareta numa das juntas do mármore e fiz força, força e força. O mármore não se movia um único som de mármore a arrastar-se. Quando as minhas forças já desesperavam, fechei os olhos e, com toda a vontade dos meus braços e do meu corpo inteiro, ouvi o

**124** mármore a soltar-se. Comecei a cavar. A picareta

e, depois, a pá. O som da picareta e, depois, o som da pá. O meu entusiasmo a apressar-me. Depois, a picareta a acertar em algo. O tesouro. A pá a tirar a terra solta. As minhas mãos a tirarem a terra solta. A tampa do caixão partiu-se debaixo dos meus pés. Afastei pedaços de caixão. Lá estava o James Joyce. Segurei-lhe o braço direito, a mão que escreveu o *Ulisses*, e os ossos separaram-se pelas juntas. Segurei-lhe o crânio: os olhos do James Joyce, os dentes do James Joyce. Surpreendeu-me o pouco peso do crânio do James Joyce, o crânio onde nasceu o *Ulisses*. Olhei para o céu e não encontrei a lua. Algumas estrelas entre as nuvens. Na noite, senti-me grandioso e feliz. Guardei tudo o que me parecia pertencer ao James Joyce dentro da mochila. Os ossos, uns contra os outros, faziam um barulho brando. Saí da cova e comecei a tapá-la com pás cheias de terra. Animado pelo peso do James Joyce nas minhas costas, empurrei de novo a pedra sobre a campá. De manhã, estava na estação de comboios.

Sentado num vagão, levava a mochila sobre o colo. Pensava que era revelador que o James Joyce, ele próprio, pesasse menos do que a maioria das edições do *Ulisses*, quando à passagem pela fronteira, o comboio abrandou e parou. Entrou um polícia, bigode, patilhas, e pediu-me o passaporte. Apontou para a mochila e perguntou: chocolates? Sorri. Saiu. Meio cigarro depois, o comboio continuou. A paisagem, as árvores despidas, as poças de água, deixavam-me pensar. Por vezes, as aldeias. Na pequena estação de uma aldeia cinzenta e verde, decidi sair. Entrei num café, conheci um senhor. Ofereceu-me um quarto, ofereceu-me trabalho a tratar de cinco vacas. Apaixonei-me pela filha do senhor. Guardava a mochila atrás de uma cómoda. Passava as noites, no quarto ao lado da filha do patrão, Sabine era o seu nome, a pensar nela e a sofrer por ela. Às vezes, retirava o James Joyce de dentro da mochila e

estendia-o sobre a cama para não ganhar mofo. Passaram-se três meses de que não me orgulho.

Quando decidi ir-me embora, era já Primavera. Três das cinco vacas iam parir, mas eu estava farto de amor não correspondido e Dublin esperava-me. De madrugada, dirigi-me à pequena estação e apanhei o primeiro comboio que passou em direcção a Paris. Não fui à Torre Eiffel, nem ao Arco do Triunfo, nem ao Louvre. Telefonei à minha mãe e disse-lhe que estava no Rossio. Estava no telefone público de uma estação de Paris. Troquei de comboio. Estava cansado. Mesmo o James Joyce, tão leve, parecia-me demasiado pesado. Considerei ainda a hipótese de abandoná-lo num contentor do lixo de Paris e voltar para casa de avião, mas eu não sou daqueles que desistem. Eu não sou daqueles que desistem. Enquanto tenho um resto de força, tenho um resto de esperança. Eu não sou daqueles que desistem. E cheguei a Calais. Os barcos estavam cheios e só podia seguir viagem no dia seguinte. Enganei um inglês. Roubei-lhe o bilhete e também lhe teria roubado a carteira e o relógio se me apetecesse, mas o bilhete bastava-me. Em Inglaterra viajei sempre de autocarro. Passei metade do tempo enjoado e metade do tempo a dormir, de boca aberta, tombado sobre o passageiro do lado, abraçado ao James Joyce. Em Londres, decidi apanhar um avião directo para Dublin. Estava muito cansado e muito sujo. Ainda cheirava a vaca. Tinha saudade das personagens do meu romance e vontade de telefonar à minha mãe e dizer-lhe que estava no Rossio, estando mesmo no Rossio.

Depois do check in, depois da mochila ter sido radiografada como bagagem de mão, depois de me terem avisado com uma piscadela de olho que não se podia viajar com comida, mas que desta vez passava, sentei-me numa das cadeiras da primeira classe. A

**126** hospedeira tirou-me uma palha do cabelo e ser-

viu-me champanhe. Respirei. A centenas de metros de altura, abri um pedacinho do fecho da mochila e olhei para o James Joyce. Confiei nele, já éramos amigos, pousei-o no meu assento e fui à casa de banho. Lavei a cara. Quando voltei, estavam dois miúdos a atirar o James Joyce um para o outro. Agarrei a mochila furioso e contive-me para não dar uma estalada ao miúdo. A mãe dele, sentada ao lado, acordou e disse: oh, Sean. Ape-tecia-me chegar a Dublin. A aterragem foi suave.

As ruas, os pubs, as pessoas. Atravessei três pontes até encontrar um parque. No parque, caminhei até encontrar uma árvore que me agradasse. Era uma árvore grande, talvez um plátano. Entre as raízes, cavei com as mãos. Primeiro a relva, depois a terra. A noite crescia devagar na tarde. Passavam pessoas que me olhavam por um instante, mas todas desviavam o olhar. Quando não estava ninguém, nem nos caminhos do parque, nem atrás dos arbustos, enfiei o James Joyce, dentro da mochila, no buraco e cobri-o com terra e com uma camada de relva. Olhei por instantes para o sítio onde o deixei e considerei que tinha feito algo de bom. Afastei-me em direcção ao aeroporto. Levava uma falta no coração. Sentia pena de deixar o James Joyce. Na altura, ainda não sabia que quem deixa as coisas que ama espalhadas pelo mundo, sente sempre falta de algo onde quer que esteja. Fui para Lisboa. Na noite seguinte, dormi já na minha cama, abraçado ao manuscrito do meu primeiro romance.

### **FICÇÕES nº 1**

*Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekhov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia.*

### **FICÇÕES nº 2**

*Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente.*

### **FICÇÕES nº 3**

*Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzati | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto.*

### **FICÇÕES nº 4**

*Henry James | Ambrose Bierce | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Dois portugueses inéditos a seleccionar.*

**Os autores que pretendam enviar contos para a revista FICÇÕES podem fazê-lo através de correio electrónico para o seguinte e-mail:**

tintapermanente@mail.pt

**Ou através dos CTT para o seguinte endereço:**

TINTA PERMANENTE  
Revista "Ficções"  
Av. Igreja, 9-3º Esq.  
1700-230 Lisboa

O terceiro número da FICÇÕES inclui um belo clássico de Guy de Maupassant, *Um Passeio ao Campo*, em nova tradução. De Herman Melville, José Gabriel Flores traduziu, pela primeira vez na nossa língua, um difícil, sonhador e comovente conto de Herman Melville, autor de obras-primas do género, como *Bartleby* ou *Benito Cereno*. De S. Y. Agnon, que foi Prémio Nobel em 1966, Lúcia Liba Mucznick traduziu, do original hebraico, *Amizade*, uma história de ressonâncias talmúdicas. De Dino Buzzati, em tradução de Clara Rowland, inclui-se *Sete Andares*, uma espécie de tragicomédia burocrático-médica de atmosfera kafkiana. Mário de Carvalho apresenta-se na sua melhor veia fantástica e satírica com *O Celacanto* e José Eduardo Agualusa escreveu para a FICÇÕES, *O Homem da Luz*, crónica de um pedagogo do cinema que se encontra notoriamente no lugar errado à hora errada. Mendes A. é autor inédito que apresenta *As Cartas* e José Luís Peixoto, jovem romancista e autor de pelo menos um êxito crítico, parodia-se em *O Cadáver de James Joyce*.

